



República Federativa do Brasil
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



PROF-ARTES – UFMS

VITOR HUGO AGUILAR DE SOUZA

O olhar no ensino de arte: sei que vi, mas nunca reparei.

**Campo Grande/MS
2023**



República Federativa do Brasil
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



PROF-ARTES – UFMS

VITOR HUGO AGUILAR DE SOUZA

O olhar no ensino de arte: sei que vi, mas nunca reparei.

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES, da Universidade do Estado de Mato Grosso do Sul, como requisito para defesa à obtenção do Título de Mestre, na Linha de Pesquisa: Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes.

Orientação: Prof. Dr. Paulo César Antonini de Souza.

**Campo Grande/MS
2023**



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
MESTRADO

Aos dez dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e três, às nove horas, na por webconferência pela ferramenta Google Meet, da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos membros: Paulo Cesar Antonini de Souza (UFMS), Elsieni Coelho da Silva (UFU) e Murilo Ferreira Velho de Arruda (FAMES), sob a presidência do primeiro, para julgar o trabalho do aluno: **VITOR HUGO AGUILAR DE SOUZA**, CPF 02672206180, do Programa de Pós-Graduação em Artes, Curso de Mestrado, da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, apresentado sob o título "**Um olhar para o ensino de arte em Corumbá/MS: aproximações com a obra de Adilson Schieffer**" e orientação de Paulo Cesar Antonini de Souza. O presidente da Banca Examinadora declarou abertos os trabalhos e agradeceu a presença de todos os Membros. A seguir, concedeu a palavra ao aluno que expôs sua Dissertação. Terminada a exposição, os senhores membros da Banca Examinadora iniciaram as arguições. Terminadas as arguições, o presidente da Banca Examinadora fez suas considerações. A seguir, a Banca Examinadora reuniu-se para avaliação, e após, emitiu parecer expresso conforme segue:

EXAMINADOR	ASSINATURA	AVALIAÇÃO
------------	------------	-----------

Dr. Paulo Cesar Antonini de Souza (Interno)		
Dra. Elsieni Coelho da Silva (Externo)		
Dr. Murilo Ferreira Velho de Arruda (Externo)		
Dra. Dora de Andrade Silva (Interno) (Suplente)		

RESULTADO FINAL:

(x) Aprovação () Aprovação com revisão () Reprovação

OBSERVAÇÕES:

Considerando a abordagem da investigação, e o desenvolvimento da proposta pedagógica, a banca sugeriu que o título do trabalho fosse adequado em menção à fala de uma das participantes da pesquisa. Esta sugestão, aceita em consenso pela banca e pelo aluno, foi acolhida e o título do trabalho modificado para: "**O olhar no ensino de arte: sei que vi, mas nunca reparei**".

Nada mais havendo a ser tratado, o Presidente declarou a sessão encerrada e agradeceu a todos pela presença.

Assinaturas:

Presidente da Banca Examinadora

Aluno



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Cesar Antonini de Souza, Professor do Magisterio Superior**, em 10/03/2023, às 11:45, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vitor Hugo Aguilar de Souza, Usuário Externo**, em 13/03/2023, às 17:50, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Murilo Ferreira Velho de Arruda, Usuário Externo**, em 14/03/2023, às 12:05, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elsieni Coelho da Silva, Usuário Externo**, em 16/03/2023, às 09:11, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3885239** e o código CRC **E52B124C**.

COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES - PROFISSIONAL

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus familiares, principalmente minha esposa Vilmara, que pacientemente, por várias vezes dedicou seu tempo a me ouvir, refletir e caminhar junto comigo ao longo deste percurso do mestrado, e me presenteou nesta nova etapa em nossas vidas com a vinda de nossa filha Olívia.

Agradeço ao meu orientador Paulo César Antonini de Souza, por gentilmente estender sua mão e acreditar que era possível materializar esta etapa em minha vida, ao qual sou grato pelas orientações e momentos descontraídos, em uma atmosfera que se desvelou pela amizade.

Agradeço às contribuições da professora Elsiene Coelho da Silva e do professor Murilo Ferreira Velho de Arruda, membros da banca de minha qualificação e da banca de defesa, pelos encaminhamentos oferecidos.

Agradeço a todos amigos e amigas, que dedicaram seus tempos a conversar comigo e me apoiar.

Agradeço à Secretaria de Educação de Corumbá e a todo corpo funcional da escola na qual sou efetivo, por se abrir à pesquisa no incentivo ao meu processo de aprendizagem.

Agradeço ao Adilson Schieffer, por abrir as portas de seu Ateliê e tão gentilmente me receber e conversar comigo.

Agradeço à Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT), pelo financiamento da pesquisa, fundamental em meu percurso.

E agradeço a todas as pessoas que contribuíram indireta ou diretamente ao percurso desta pesquisa.

Muito obrigado.

RESUMO

Este artigo apresenta o processo e os dados de uma investigação desenvolvida para o ensino de artes visuais, contemplando registros obtidos de uma Intervenção Pedagógica realizada com estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental II de uma escola pública municipal situada em Corumbá, no Mato Grosso do Sul. Elaborado a partir da curiosidade docente sobre o fenômeno da criação artística carregado por manifestações culturais de Corumbá/MS, o texto se desenvolve por uma aproximação com a cultura popular e regional, reunindo a produção de artistas de MS e reflexões de autoras e autores da Fenomenologia. Com o objetivo de analisar e compreender relações culturais que possam emergir da reflexão de estudantes de uma escola pública de Corumbá, por experiências pedagógicas com a arte urbana local, a investigação de cunho qualitativo e abordagem fenomenológica, apropria-se de instrumentos da modalidade do fenômeno situado, cujo objeto fundamental de sustentação se encontra na obra escultórica localizada em espaço urbano e produzida por um artista regional do Mato Grosso do Sul. Após o desenvolvimento da Intervenção Pedagógica e da análise dos dados coletados, desvelaram-se três categorias temáticas: A) Necessita-se de um estado de sintonia, B) A cidade onde moramos e C) Arte é uma construção, nas quais são apresentadas reflexões contemplando o processo didático pedagógico na Intervenção desenvolvida e o objetivo que estrutura o presente trabalho. Nas considerações, são apresentadas as reflexões alcançadas e as possibilidades que a aproximação com o fenômeno da criação artística carrega para o ensino de artes visuais na escola pública.

Palavras-chave: Fenomenologia, Artes Visuais, Arte Regional, Manifestações Culturais.

ABSTRACT

This article presents the process and data of an investigation developed for the teaching of visual arts, contemplating records obtained from a Pedagogical Intervention carried out with 8th grade students from a municipal public school located in Corumbá, Mato Grosso do Sul. Elaborated from the teacher's curiosity about the phenomenon of artistic creation carried by cultural manifestations of Corumbá/MS, the text develops through an approach to popular and regional culture, bringing together the production of artists from MS and reflections of authors from Phenomenology. With the objective of analyzing and understanding cultural relations that may emerge from the reflection of public school students in Corumbá, through pedagogical experiences with local urban art, the investigation of a qualitative nature and phenomenological approach appropriates instruments of the situated phenomenon modality, whose fundamental object of support is found in the sculptural work located in urban space and produced by a regional artist from Mato Grosso do Sul. After the development of the Pedagogical Intervention and the analysis of the collected data, three thematic categories were unveiled: A) A state of tuning is needed, B) The city where we live, and C) Art is a construction, in which reflections are presented contemplating the didactic-pedagogical process in the Intervention developed and the objective that structures the present work. In the considerations, the reached reflections and the possibilities that the approach to the phenomenon of artistic creation carries for the teaching of visual arts in public schools are presented.

Keywords: Phenomenology, Visual Arts, Regional Art, Cultural Manifestations.

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1: Jamil Canavarros (MS, 1962); Vitor Hugo Souza (SP, 1988). IZU, 2021. Mural, 6x4m.	12
Fig. 2 Vitor Hugo Souza (SP, 1988). In Memoriam ao Centenário do Cururueiro Seo Agripino, 2021. Mural, 7x3,20m.	14
Fig. 3: Adilson Schieffer (SP, 1957). Pantanal: cidadania cultural, 2018. Mural/Relevo, 5x2m.	15
Fig. 4: Humberto Espíndola (MS, 1943). O Sopro, 1978 - óleo sobre tela 130 x 170cm.	23
Fig. 5: Ilton Silva (MS, 1944-2018) Série Cores e Mitos, 1978. Óleo sobre tela com moldura de madeira pirografada (10 cm.) 29x39cm	25
Fig. 6: Conceição dos Bugres (1914 – 1984) Coleção de Bugres, s.d. Madeira, s.d.	27
Fig.7: Cartaz de divulgação da Rádio Educativa FM 104, 2015.	30
Fig. 8: Cartaz do Conselho Municipal de Cultura de Campo Grande, S/d.	30
Fig. 9: Entrevistando o artista plástico Adilson Schieffer em seu ateliê, Campo Grande/MS, 2022.	32
Fig. 10: Registro Aula 2 – Intervenção Pedagógica 2022.	39
Fig. 11: Registro da atividade: percebendo as partes, Quebra-cabeça pedagógico. Aula 6 – Intervenção pedagógica, 2022.	40
Fig. 12: Recorte do mural escultórico em relevo, com temática, cultura de Corumbá/MS, coletiva, Aula 9 e 10 – Intervenção Pedagógica 2022.	44
Fig. 13: Registro da visitação à obra de Adilson Schieffer, Aula 4 – Intervenção pedagógica, 2022.	48
Fig. 14: Registros da atividade de desenho junto à obra de Adilson Schieffer. Aula 4 – Intervenção Pedagógica, 2022.	49
Fig. 15: Registro da produção do mural, Aula 9/10 – Intervenção pedagógica, 2022.	52
Fig. 16: Retoques finais no mural escultórico em relevo, temática: cultura de Corumbá/MS, Aula 9 e 10 – Intervenção Pedagógica 2022.	53

LISTA DE TABELAS

TAB. 1 Matriz nomotética reunindo as Categorias e Unidade de Significados orientadas pelos Diários de Campo das intervenções pedagógicas 2022	37
TAB. 2 Registro aula 2 – Mural de Palavras coletivas Intervenção Pedagógica 2022.....	43

Sumário

Introdução.....	5
Cultura e Arte em Corumbá/MS	9
Pensando a arte regional e seu ensino na escola	17
O fenômeno da criação artística: significados e ressignificados	32
A) Necessita-se de um estado de sintonia	38
B) A cidade onde moramos	42
C) Arte é uma construção	47
Considerações	54
REFERÊNCIAS	58

Introdução

Este artigo final para a defesa do Mestrado Profissional em Artes, da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, reúne elementos que, por sua estrutura e organização, pretendem oferecer uma possibilidade de construção formal para a prática pedagógica em artes visuais. Essa construção tem por estofo uma abordagem que compreende a cidade de Corumbá, no estado de Mato Grosso do Sul, desde seu espaço geográfico, fauna, flora, matrizes religiosas, danças, e historicidade, características e condições que dão sentido ao fenômeno da criação artística carregado por manifestações culturais do município.

Nesse sentido, ao integrar o quadro de professores na escola onde atualmente me encontro efetivo¹, comecei a refletir acerca das possíveis contribuições que as obras artísticas escultóricas distribuídas nos espaços urbanos do município poderiam oferecer para o desenvolvimento de propostas pedagógicas em sala de aula, acreditando que as alunas e os alunos podem relacionar as obras com algo de seu entorno, de modo significativo para seu repertório pessoal e com respeito à cultura local.

Uma das motivações que se estruturam na presente pesquisa, se deram de forma inicial, no ano de 2016, quando via nos jornais da região matérias sobre depredações do patrimônio histórico e artístico de espaços urbanos do município. Uma das matérias que me chamou a atenção foi sobre a via-sacra², por várias vezes depredada (GALVÃO, 2016, s/p.), e as ações do poder público que ao invés de elaborar projetos educativos sobre a importância do patrimônio, isola essa memória cultural, distanciando a população daquilo que é parte de sua história:

A Guarda Municipal teve a iniciativa de elaborar projeto e solicitar ao município a instalação de grades por todo o trecho da Via Sacra, no lado onde dá acesso à parte baixa. Além disso, câmeras de segurança já foram solicitadas e o órgão está aguardando a chegada desses aparelhos. (GALVÃO, 2016, s/p.)

Ao tomar conhecimento das depredações das esculturas de Izulina Xavier em 2016, desenvolvi um projeto de investigação com os alunos do 5º ano do ensino

¹ Escola Municipal Dr. Cássio Leite de Barros, na qual atuo como professor de arte desde 2018.

² Conjunto de 72 esculturas que compõem a subida para visita da escultura Cristo Rei do Pantanal, produzidas por Izulina Xavier.

fundamental. Em 2021, já cursando o Mestrado Profissional, publiquei um artigo em conjunto com meu orientador (SOUZA, SOUZA, 2021), no qual apresentamos reflexões que emergiram anos após a execução do projeto e que ainda se mostram relevantes para a presente pesquisa.

Naquela atividade, a proposta objetivava refletir sobre os atos de depredação nas instalações da escola e nas esculturas de Izulina Xavier, bem como sobre possíveis elementos simbólicos da cultura local presentes no entorno vivente dos discentes. Identifico nesses registros os ensaios iniciais que estimularam aprofundamentos tanto em minhas práticas pedagógicas quanto nas relações enquanto ser social e pesquisador, que busca ressignificar e compreender as camadas sensíveis da experiência de mundo cotidiana.

Esse conjunto de experiências foi significativo e motivou novas reflexões que atualmente me inspiram na realização deste mestrado. A minha pesquisa atual envolve as relações entre diálogos, práticas pedagógicas e oferta de conteúdo, com o objetivo de **analisar e compreender relações culturais que possam emergir da reflexão de estudantes de uma escola pública de Corumbá, por experiências pedagógicas com a arte urbana local** e teve sua origem a partir de indagações que tentavam encontrar meios para: *“construir, pedagogicamente, práticas que envolvam a percepção e promovam a aproximação de estudantes da escola pública às obras de arte em espaços públicos urbanos”*, no qual a experiência obtida ao longo da pesquisa, se faz presente no título deste artigo, extraído de um recorte da fala de uma aluna participante da pesquisa, *“Na verdade eu sei que eu vi, mas nunca reparei.”* (DIÁRIO 3, B.18).

Por conta desta abordagem, destaco que a investigação sobre cultura e arte está relacionada com o mundo do observador, pois a pesquisa com seres humanos, independente de qual área seja, é uma pesquisa objetivando entender a manifestação de corpos encarnados no mundo (MERLEAU-PONTY, 1999), contexto no qual o pesquisador interage, busca sistematizar informações coletadas e organizá-las a partir da sua percepção de mundo. Maurice Merleau-Ponty (1999), quando aborda a palavra “mundo”, explica que “o termo ‘mundo’ não é aqui uma maneira de falar: ele significa que a vida ‘mental’ ou cultural toma de empréstimo à vida natural as suas estruturas, e que o sujeito pensante deve ser fundado no sujeito encarnado.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 262).

Uma das bases fundamentais desse processo, parte de meu contato com as obras escultóricas³ produzidas e instaladas nos espaços de Corumbá/MS, visualmente potenciais para a significação da cultura local, pela aproximação e constatação de pertencimento do indivíduo (SOUZA, 2021a). Na perspectiva de utilizar este exercício como aporte didático para minha prática pedagógica, viabilizam-se nesta pesquisa formas para estimular o desenvolvimento de um olhar mais sensível para aquilo que possivelmente possa ser “invisível”, pois:

Trata-se aqui de destacar a relação entre a arte e o desejo de mudar o entorno sobre o qual se atua e também o fato de que “a escultura pública deve possuir uma identidade geográfica”: a escultura pública não é tão somente uma criação artística, mas uma produção social e cultural baseada em necessidades concretas; é também uma produção em colaboração coletiva. A escultura, deste modo, se estende aos objetos urbanos e estes, aos simbolismos citadinos que, acredito, são o objeto dos imaginários urbanos. (SILVA, 2014, p.119).

Além de ser professor de arte, com licenciatura em Artes Visuais, também tenho uma prática artística contínua através da pintura. Nesse sentido, na expectativa de integrar ambos os campos nos quais atuo, fazem parte do corpo deste artigo, algumas de minhas produções pictóricas que além de apresentarem elementos descritivos das manifestações culturais nelas materializadas, reforçam minha aproximação existencial com a cidade de Corumbá/MS, e cuja seleção objetiva uma aproximação visual com aspectos e/ou elementos que fazem parte deste texto.

Nesse contexto corroboro com o pensamento de Merleau-Ponty (1999), quando o autor sinaliza que o que vemos não é um objeto neutro, pois cada indivíduo constitui *para-si* o sentimento de repulsa ou proximidade com o que experimenta em seu entorno. Considerando esta relação de *ser-no-mundo*, e diante dos elementos que motivaram a construção de minha pesquisa, foi selecionada a obra “Pantanal Cidadania Cultural”, do artista visual Adilson Schieffer, instalada na praça Heloísa Urt – Centro de Artes e Esportes Unificados (CEU), na parte alta do município de Corumbá/MS como objeto de estudo.

A obra de arte "Pantanal Cidadania Cultural" é um mural em relevo que apresenta elementos da diversidade cultural local e está localizada em um espaço

³ Enquadro nesta nomenclatura, objetos e trabalhos artísticos, tridimensionais e em alto-relevo.

público acessível, tornando-se uma possibilidade de recurso didático para o ensino de arte nas escolas. Como professor de arte na rede pública, acredito que é importante manter próximo de minhas práticas, o pensamento de Paulo Freire (1996) e investigar constantemente o entorno em busca de elementos que possam contribuir para a mediação de propostas pedagógicas no componente curricular Arte.

Procurando manter uma coerência com a abordagem fenomenológica e com as matrizes freireanas, carrego também o intuito de tornar o exercício de construção desta pesquisa próximo de outros professores e outras professoras que venham a ler o trabalho. Na tentativa de alcançar este fim, fiz a opção de apresentar o texto em primeira pessoa, esperando reduzir o distanciamento que a academia tende a provocar nas pessoas que se encontram distantes desses espaços.

Nesse sentido, encontro paralelos com a perspectiva da mediação, que “[...] não é a adivinhação ou a explicação, mas a decifração, a leitura compartilhada, ampliada por múltiplos pontos de vista.” (MARTINS, 2011, p. 315) e pode ser um convite a reflexões e contextualizações compartilhadas no âmbito dos processos de ensino e aprendizagem.

Para aproximar a leitora e o leitor do processo de investigação que resultou neste artigo, desenvolvo na seção **Cultura e Arte em Corumbá/MS** uma apresentação de Corumbá/MS destacando aspectos que considero relevantes para a compreensão da cultura popular no município, promovendo um diálogo entre artistas locais, alguns dos autores que me acompanham e com pinturas que produzi ao longo de minhas experiências na cidade. Nesse mesmo item do artigo, introduzo a obra de Adilson Schieffer e realizo sua descrição.

A seguir, na seção intitulada **Pensando a arte regional e seu ensino na escola**, elaboro fundamentado pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017), reflexões reforçando a aproximação de sentidos que envolve as manifestações culturais e artísticas e a relevância destas para o ensino de arte, que se sustenta nesta relação a partir da seleção de três artistas regionais do Mato Grosso do Sul: Humberto Espíndola, Ilton Silva e Conceição de Freitas.

A seção **O fenômeno da criação artística: significados e ressignificados**, volta-se para a descrição da metodologia utilizada para a investigação e no desenvolvimento da Intervenção Pedagógica junto aos estudantes. Para alcançar o objetivo desta investigação, além do processo de construção teórico, foi

fundamental organizar uma intervenção pedagógica para que fosse possível, além de coletar os dados necessários para a análise, identificar acertos, equívocos ou ausências na prática proposta para os alunos.

A finalidade desta última característica da investigação se justifica pela intenção em oferecer uma proposta de trabalho pedagógico para a escola pública, na qual – ainda que sejam inevitáveis prever todas variáveis em ações que envolvem seres humanos – outras professoras e outros professores encontram uma sugestão para desenvolvimento em suas salas de aulas. A intervenção pedagógica foi desenvolvida com alunos e alunas cursando o 8º ano, no ensino fundamental II, da escola em que leciono, situada na parte alta de Corumbá/MS. Inicialmente, a proposta foi organizada para acontecer em dez encontros presenciais, cada qual orientado por uma atividade específica contemplando o conteúdo de artes visuais e aspectos da cultura popular de Corumbá/MS.

O acompanhamento pedagógico envolveu a aplicação de questionário e rodas de conversas, sendo que a coleta de dados para a pesquisa foi realizada com o auxílio do registro em Diários de Campo (BOGDAN; BIKLEN, 1994). A instrumentalização da análise, foi elaborada com aportes da modalidade do fenômeno situado (MARTINS; BICUDO, 2003), considerando os significados que o grupo discente participante da intervenção pedagógica atribuíram ao seu mundo vivido pelo fenômeno da criação artística e resultaram em três categorias: **A) Necessita-se de um estado de sintonia, B) A cidade onde moramos e C) Arte é uma construção.**

Cultura e Arte em Corumbá/MS

Com base nos estudos realizados sobre o conceito de cultura, elaborado a partir de estudos envolvendo Maurice Merleau-Ponty (1999); Alfredo Bosi (1992), José Luiz dos Santos (2006), para elaboração desta pesquisa, este conceito é compreendido como manifestação do modo de viver e socializar, que emerge de grupos e/ou comunidades.

É significativo destacar que, mesmo com a variedade de estudos sobre o que se compreende por cultura, existem aproximações comuns a respeito deste conceito, sendo a de maior relação com esta pesquisa aquela que aponta sua existência a partir da diversidade dos seres humanos na forma de manifestar-se no

mundo, organizando-se pela percepção dos sentidos atrelados a suas ações. Por essa aproximação, existencial, podemos encontrar o sentido que ordena a cultura enquanto um fenômeno do mundo vivido de homens e mulheres.

Não é necessário ir muito longe para entender a relação crucial que a palavra cultura nos propõe para refletir sobre nossas vidas; basta observar nossos hábitos no cotidiano, ações que possamos ter e que, possivelmente, por vezes, não passam pelo crivo da análise de onde veio tal ou qual hábito. Considerando o campo das artes visuais, podemos ainda ordenar reflexões sobre a cultura vivente ou observada, evocando, na materialização dos trabalhos artísticos, a percepção de quem criou o trabalho.

Nesta abordagem da arte pela cultura, é significativo destacar a importância da imaginação e da constituição do imaginário, que em acordo com Merleau-Ponty (1999), tem dimensão significativa no exercício que projeta nossa consciência e ela com outras consciências, visando “[...] uma paisagem mental que em primeiro lugar não está dada a todos e que ela tem por função justamente comunicar. Mas aqui, o que a natureza não dá a cultura o fornece.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.253).

Por esse raciocínio, busca-se compreender desde a unidade, a expressão de um grupo, observando que o cultivo de hábitos, forma de viver e expressar-se no mundo de indivíduos ou grupos constituem culturas, e não apenas uma cultura específica e isolada, portanto, a cultura desvela-se como um fenômeno na expressão do mundo de homens e mulheres. Nesse sentido, é relevante considerar que existimos, em conformidade com Merleau-Ponty (1999), em um “mundo cultural” ou “mundo humano”, no qual nossa vida se passa.

Considerando esses atravessamentos, o crítico e historiador literário Alfredo Bosi (1992), problematiza a relação de culturas em escopos (cultura erudita, cultura popular, cultura de massas), organizando-a por suas expressões e estruturando, nessas relações de expressão, a necessidade do olhar para a pluralidade cultural e para suas unidades. Em acordo com este autor:

[...] pelo termo *cultura* entendemos uma herança de valores e objetos compartilhada por um grupo humano relativamente coeso, poderíamos falar em uma cultura erudita brasileira, centralizada no sistema educacional (e principalmente nas universidades), e uma *cultura popular*, basicamente iletrada, que corresponde aos mores materiais e simbólicos do homem rústico, sertanejo ou interiorano, e do homem pobre suburbano ainda não de todo assimilado pelas estruturas simbólicas da cidade moderna. (BOSI, 1992, p. 308).

Com o intuito de compreender o horizonte da investigação que envolve este artigo, é relevante apresentar alguns aspectos da cidade onde resido e atuo como docente, destacando que estas manifestações culturais fazem parte do imaginário existencial de toda a população corumbaense. A cidade de Corumbá/MS está situada na região pantaneira no estado de Mato Grosso do Sul, cerca de 415 km da capital Campo Grande, e faz fronteira com a Bolívia.

A cidade tem, como divisor geográfico, o Rio Paraguai, cuja área portuária, segundo Targas (2012), foi um dos mais importantes portos de importação e exportação do Brasil, antes da divisão do estado de Mato Grosso. Em acordo com este autor (TARGAS, 2012), com a chegada dos trilhos ferroviários e a expansão das rodovias, a área portuária começou a reduzir o fluxo comercial de importação e exportação entre as embarcações, passando a adotar atividades ligadas ao turismo, como, por exemplo, o turismo voltado à pesca e, posteriormente, o turismo contemplativo, tanto na relação fauna e flora, quanto pelas visitas aos espaços urbanos do município envolvendo museus, praças, monumentos, casarios e obras escultóricas e pictóricas com temática na diversidade da cultura local.

Uma dessas obras é o Cristo Rei do Pantanal (Fig. 1), situado no morro do Cruzeiro, e que foi produzida pela artista Izulina Xavier (1925-2022). Na pintura intitulada Izu (Fig. 1), que desenvolvi junto com o artista corumbaense Jamil Canavarros, buscamos representar não só a imagem dos trabalhos escultóricos daquela artista, mas também as inter-relações de nossa percepção do seu *mundo cultural*.

Nesse aspecto, Merleau-Ponty (1999) nos recorda que toda nossa vida se constitui em símbolos que reconhecemos e que refletem nossas maneiras de ser. “Assim como a natureza penetra até no centro de minha vida pessoal e entrelaça-se a ela, os comportamentos também descem na natureza e depositam-se nela sob a forma de um mundo cultural.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 465).

Compreendendo que os estudantes têm mundos culturais, com suas particularidades significativas, e trazem para o ambiente escolar, elementos de seu dia a dia, dentre os quais, possíveis relações das percepções que eles têm das obras de arte que ocupam os espaços urbanos. Esta compreensão reverbera em Paulo Freire (1996), quando o autor enfatiza, em seus trabalhos, a importância do docente mostrar-se sensível à realidade dos alunos e das alunas, em um movimento de afeto, na busca de significados outros, uma vez que:

A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos, cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado. Tem que ver diretamente com a assunção de nós por nós mesmos. É isto que o puro treinamento do professor não faz, perdendo-se e perdendo-o na estreita e pragmática visão do processo. (FREIRE, 1996, p. 19).

Fig. 1: Jamil Canavarros (MS, 1962); Vitor Hugo Souza (SP, 1988). IZU, 2021. Mural, 6x4m.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

No primeiro e segundo plano da pintura (Fig. 1), vemos dois jacarés e duas representações de São Francisco, em referência às peças escultóricas presentes tanto no ateliê da artista, como nos espaços urbanos da cidade. O retrato de Izulina Xavier, no centro da imagem, representa-a com luvas e com uma pá de pedreiro na mão direita, instrumento que ela utilizava em suas produções. No lado esquerdo da representação da artista, criamos um bolso para sua camisa, do qual se espalham esferas coloridas, como se estivessem surgindo do lápis e da caneta adquirindo aspectos que remetem à aves e suas asas em formato de livros, em alusão às suas produções literárias e seus cordéis.

A artista Izulina Xavier, que nasceu no Piauí em 1925, é um referencial significativo da mescla cultural da cidade. Corumbá/MS abriga povos de origens diferentes em seus espaços, desde ribeirinhos, povos indígenas, bolivianos, sírio-libaneses, entre outros, o que denota na diversidade de culturas, hábitos, práticas e crenças do povo constituído no município. No âmbito desta diversidade, Oliveira, Kukiél e Silveira (2019) descrevem o apelo turístico que emerge pela paisagem pantaneira, “[...] através de símbolos culturais com destaque para a fauna e flora, as crenças, religiões e o misticismo [...]” e que são recorrentes “[...] nas

comunidades tradicionais pantaneiras ribeirinhas [...]” (OLIVEIRA, KUKIEL; SILVEIRA, 2019. p. 05).

Uma das manifestações culturais mais significativas de Corumbá, e que faz parte do calendário de eventos do município, é o Banho de São João (Fig. 2), festividade que, no ano de 2021, foi reconhecida como patrimônio cultural do Brasil (IPHAN, 2021). Durante esta atividade, marcada pelo sincretismo religioso, há o encontro de tocadores da viola-de-cocho⁴, habitantes locais e turistas, ressaltando que:

Na qualidade de um fenômeno cultural e social, o Banho de São João de Corumbá segue incorporando outros olhares para sua permanência, consolidando a característica festiva e popular da tradição às demandas que uma cidade com representação turística no estado de Mato Grosso do Sul encontram sentidos, como o concurso de Andores, as ornamentações no centro histórico e a praça de alimentação no Porto Geral, aonde a experiência com a gastronomia, por meio de comidas típicas vão do o arroz carreteiro ao sarravulho⁵. (SOUZA; SOUZA; SANTOS, 2022, p.190).

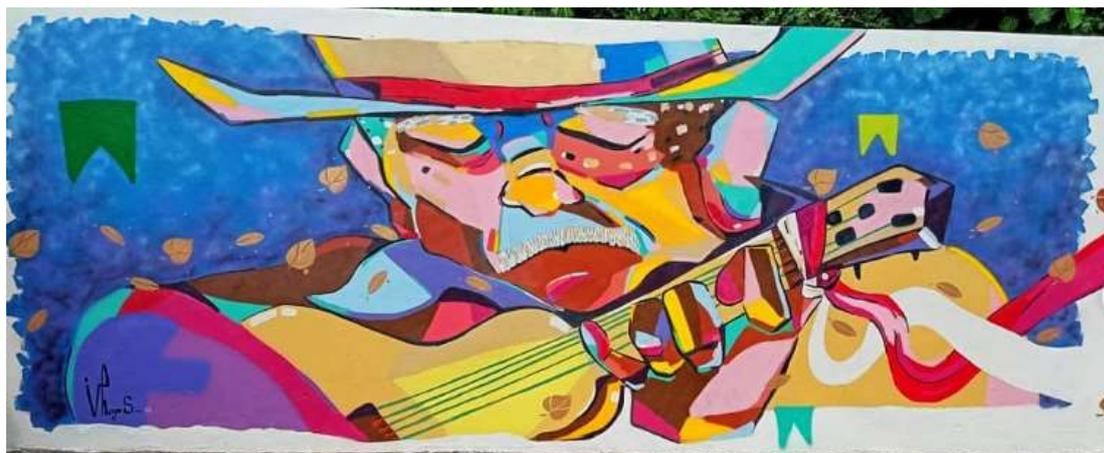
Em alusão à Festa do Banho de São João, produzi nas instalações do Museu de História do Pantanal (MUHPAN), um mural em homenagem ao Seo Agripino, o Curureiro (Fig 2), que era assim conhecido por compor, produzir e tocar a viola-de-cocho.

No mural (Fig. 2), criado sob o patrocínio da Fundação de Cultura de Corumbá/MS, identifica-se, no primeiro plano, o retrato de Agripino, com uma expressão facial que busca representar a concentração do artista enquanto toca sua viola-de-cocho. Em segundo plano, distribuem-se as bandeirolas de São João sobre um fundo azul com tonalidades claras e escuras, formando um degradê que intenciona remeter à noite, período em que se realizam tradicionalmente as festividades de São João.

⁴ A viola-de-cocho é um instrumento musical bastante frequente nos gêneros musicais cururu e siriri. Produzida artesanalmente, o nome "cocho" tem associação com a técnica de produção do instrumento, cuja caixa de ressonância é escavada de uma tora de madeira inteiriça, e se assemelha aos recipientes para alimentar o gado. As demais partes do instrumento são fixadas no cocho já talhado no formato de viola. Na região portuária de Corumbá/MS, há um monumento escultórico que homenageia a cidade com o tema Viola de Cocho, doado pelo estado de Mato Grosso através da capital Cuiabá.

⁵ O sarravulho, também chamado de sarrabulho, é um cozido de miúdos de gado bovino feito com vinho e temperos.

Fig. 2 Vitor Hugo Souza (SP, 1988). In Memoriam ao Centenário do Cururueiro Seo Agripino, 2021. Mural, 7x3,20m.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Um evento significativo para a cultura de Corumbá, e que também integra o calendário anual do município, é o Festival América do Sul Pantanal (FASP), “[...] evento anual que reúne música, dança, artes plásticas, artesanato, teatro entre outras manifestações populares, tanto da Bolívia quanto do Brasil, estendendo-se a outros países e culturas originárias da América Latina” (SOUZA; BEZERRA, 2020, p. 288).

No 14º Festival América do Sul Pantanal, no ano de 2018, o artista plástico Adilson Schieffer, residente no estado de Mato Grosso do Sul de 1983 a 2022, produziu a obra que estrutura a pesquisa e a intervenção pedagógica deste trabalho, nomeada pelo artista como Pantanal: cidadania cultural. A obra Adilson Schieffer, cuja produção artística é carregada pelos simbolismos da etnia Kadiwéu⁶, trata-se de um alto-relevo instalado na praça Heloísa Urt – Centro de Artes e Esportes Unificados (CEU) (Fig. 3), situada na parte alta da cidade. O trabalho foi elaborado para dar ênfase à cultura local, representando aspectos e elementos que sinalizam a diversidade da cultura popular por perspectivas religiosas, regionais, fronteiriças e históricas em Corumbá/MS.

⁶ Os indígenas Kadiwéu são descendentes dos Guaicurus, grupo de guerreiros equestres que travaram conflitos com os colonizadores durante séculos. Atualmente, os Kadiwéu estão assentados em uma Terra Indígena situada entre a Serra da Bodoquena e o Pantanal de Porto Murtinho, no estado brasileiro de Mato Grosso do Sul (MÜLLER, 2017, p.5).

Fig. 3: Adilson Schieffer (SP, 1957). Pantanal: cidadania cultural, 2018. Mural/Relevo, 5x2m.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Durante a intervenção artística que ocorreu ao vivo na praça, visitantes interagiram com Adilson Schieffer, ocasião em que tive a oportunidade de vê-lo desenvolver algumas etapas de seu trabalho e também falar com o artista⁷ indagando sobre o seu processo de criação, que ele compartilhou apresentando alguns esboços do projeto inicial. Naquela experiência pude presenciar os movimentos de Schieffer nos andaimes, alcançando a totalidade dos espaços da parede com auxílio de um ajudante, que trabalhava no preparo da massa de cimento para deixá-la no ponto para aplicação.

Paulatinamente, as imagens começavam a formar a composição da obra (Fig. 3). Produzida na área externa do muro frontal das instalações da praça, a composição mostra em seu primeiro plano, a partir do canto inferior esquerdo, a representação de um pescador na canoa, linhas curvas no formato de gotas invertidas abaixo da canoa remetem e lembram camalotes⁸, logo à frente do pescador há uma representação do coreto e traços que descrevem as laterais de uma das várias pontes distribuídas dentro da Praça da Independência, na área central de Corumbá/MS, popularmente conhecida como Jardim da Independência.

Na sequência da composição, destaca-se a imagem de um pássaro com bico alongado lembrando um tuiuiú, uma das aves que simbolizam o Pantanal. Em seguida, vemos silhuetas de homens com instrumentos, em alusão aos tocadores

⁷ Minha aproximação e conversa com ele foi breve, pois a produção dependia do curto tempo de cura da massa, portanto tomando toda a atenção dele na construção da obra.

⁸ Camalote é uma planta aquática que pode ser encontrada em abundância nas margens do rio Paraguai. Também é conhecida como aguapé em outras regiões do Brasil.

da viola-de-cocho, e um grupo em movimento, que representa a dança do Siriri e Cururu, típicas das festividades da região e que acompanham esse instrumento no banho de São João.

No segundo plano da composição, acima do coreto, destaca-se a imagem do Cristo Rei do Pantanal, homenagem do artista à obra escultórica de Izulina Xavier, tendo à sua esquerda a catedral do município e fachadas que remetem ao casario de Corumbá. Outros músicos, utilizando chapéus e gorros, tocam flautas e harpa, em referência à fronteira Brasil/Bolívia e à mescla de culturas locais.

No plano de fundo, observamos elementos da vegetação e imagens de bandeirinhas que lembram a festa de São João. Na lateral superior direita da composição, o artista referencia de forma escrita, o Festival América do Sul Pantanal. Em torno de toda a composição, há elementos circulares e linhas retas e diagonais que nos remetem aos traços das pinturas Kadiwéu.

Destaco que a descrição da imagem (Fig. 3), parte de impressões por minha percepção da vivência social, cultural e urbana da cidade de Corumbá e pelo contato com a produção da obra⁹. Desse modo, os símbolos produzem, em mim, sugestões de uma narrativa conhecida por minha experiência, pois se constituem por “[...] um sistema de qualidades oferecidos aos diferentes sentidos e reunidas por um ato de sínteses intelectual”. (MERLEAU-PONTY, 2004, p.19).

Nesse contexto, como docente, acredito ser necessário oportunizar a fala dos discentes nos espaços educacionais, valorizar as manifestações que compõem o entendimento do entorno vivente, e colaborar para ampliar o olhar e as reflexões sobre as manifestações da cultura local. É nesse sentido que considero oportuno e indispensável problematizar o que a priori pode ser taxado como comum e corrente no dia a dia, nas relações escolares, entre docente e discente, no sentido do inacabado, das descobertas, de contestar e buscar caminhos que contribuam no desenvolvimento educacional e social de mulheres e homens no mundo, corroborando com o pensamento de Merleau-Ponty, para quem:

O pensamento Adulto, normal e civilizado é preferível ao pensamento infantil, mórbido ou bárbaro, mas com uma condição, a de que não se considere pensamentos de direito divino, que se confronte, cada vez mais honestamente com as obscuridades e as dificuldades da vida humana,

⁹ Durante visita ao ateliê de Adilson Schieffer, no dia 10 de junho de 2022, foi realizada uma entrevista com o artista e os elementos apontados nesta descrição de sua obra puderam ser confirmados pelo relato do próprio autor.

que não perca contato com as raízes irracionais dessa vida e finalmente que a razão reconheça que seu mundo também é inacabado, não finja ter ultrapassado o que se limitou a mascarar e não tome por incontestáveis uma civilização e um conhecimento que ela tem como função mais elevada, pelo contrário, contestar. (MERLEAU-PONTY, 2004, p.34-35).

Neste sentido, a cultura pode fomentar na vida do indivíduo, significação ou ressignificação, peculiar ou similar aos modos de vida de seu entorno social, entendendo que os modos de viver vão sendo formados pelas construções de suas necessidades e perspectivas atreladas à imaginação. O indivíduo recebe os primeiros estímulos para formação do seu mundo cultural no ambiente familiar, no seu bairro e nos anos que passa dentro da escola, além da influência de aparelhos tecnológicos - condutores da cultura de massa -, que têm espaço relevante nesta formação. Ao longo de nossas vidas, a cultura emerge como informação, reflexão, vivência e observação.

Pensando a arte regional e seu ensino na escola

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017), destaca a importância de ampliar a interação dos alunos com as manifestações culturais e artísticas, ressaltando que é essencial haver uma sistematização do conhecimento, com experiências em diferentes linguagens durante esta fase¹⁰, de maneira que o componente Arte contribua para o aprofundamento dos processos de ensino e aprendizagem, estimulando a autonomia discente e a constituição de experiências por meio de práticas artísticas.

Nessa perspectiva, considerando a escola como “ [...] um ambiente complexo de relações entre o mundo natural e o ser vivo, que influenciam na vida e no comportamento do indivíduo” (ABBAGNANO, 2015, p.36), é importante que ela não seja apenas um lugar para oferecer lições, mas, principalmente, um ambiente que permita ouvir os estudantes, compartilhar seus anseios e promover a participação deles nas ações escolares. No entanto, é necessário evitar

¹⁰ A LDB (BRASIL, 1996) incluiu as linguagens Artes Visuais, Dança, Música e Teatro no componente Arte, mas isso não significa que um único professor deve ensinar todas as linguagens. Exigir isso pode levar a uma abordagem equivocada e gerar divergências no espaço escolar. Isso gera contradições diante dos desafios da profissão e das condições reais de formação e atuação do professor.

romantizar essas relações, respeitando a complexidade do exercício contínuo e respeitoso em relação ao outro, pois:

Fala-se quase exclusivamente do ensino dos conteúdos, ensino lamentavelmente quase sempre entendido como transferência do saber. Creio que uma das razões que explicam este descaso em torno do que ocorre no espaço-tempo da escola, que não seja a atividade ensinante, vem sendo uma compreensão estreita do que é educação e do que é aprender. (FREIRE, 1996, p.18)

É importante destacar que o aprendizado também se dá por meio da problematização em sala de aula sobre o que ocorre além dos muros da escola, situando o ensino no meio vivido pelo aluno. A vida social, familiar e cultural que constitui o mundo do indivíduo se manifesta em seu olhar, gestos, fala e silêncio, refletindo a forma como ele se relaciona com o meio.

Merleau-Ponty (1999) defende que o mundo vivido pelo indivíduo não se limita apenas ao ambiente físico, mas também inclui elementos como estradas, plantações, povoados, ruas, igrejas, utensílios e objetos comuns do cotidiano. Há em nós construções de percepções, relações e uma formação contínua de experiência com o mundo vivido. Por esse motivo, é oportuno que a escola seja um ambiente de escuta e que proporcione espaços de reflexão.

Certamente essas reflexões não devem se esgotar nestas palavras, já que questionar e observar o ambiente em que se vive é um movimento constante. Além disso, não se pode esperar que apenas experiências escolares sejam significativas para solucionar todos os problemas relacionados à relação das pessoas com o meio ambiente.

No entanto, tais experiências podem proporcionar uma abertura para que as relações com o meio sejam mais significativas na formação de um senso crítico e analítico de pertencimento. Nesse aspecto, segundo a BNCC:

As Artes visuais possibilitam aos alunos explorar múltiplas culturas visuais, dialogar com as diferenças e conhecer outros espaços e possibilidades inventivas e expressivas, de modo a ampliar os limites escolares e criar novas formas de interação artística e de produção cultural, sejam elas concretas, sejam elas simbólicas. (BRASIL, 2017, p.198)

Ainda em acordo com a BNCC (BRASIL, 2017), é importante que as atividades em sala de aula sejam desenvolvidas a partir da escuta atenta das alunas e alunos. Não se trata apenas de levar o que se considera o "melhor" ou

mais apropriado, mas sim de proporcionar trocas e discussões sobre assuntos que muitas vezes não estão presentes nos livros didáticos.

As diretrizes da BNCC (BRASIL, 2017) para o ensino fundamental apontam as competências específicas de arte no ponto 3, recomendando a pesquisa e o conhecimento de diferentes matrizes estéticas e culturais, especialmente aquelas presentes na arte e na cultura brasileira, tanto em sua tradição quanto em suas manifestações contemporâneas, a fim de reelaborá-las nas criações em Arte. Além disso, no ponto 9, também é enfatizada a importância de analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, tanto material quanto imaterial, e suas histórias e diferentes visões de mundo.

É fundamental considerar o contexto cultural local e múltiplas perspectivas ao construir conhecimento, como destaca Miriam Celeste Martins (2011) em sua discussão sobre as práticas pedagógicas na disciplina de arte. Em sua discussão, esta autora nos diz que:

Que escolhas serão essas? Escolhem-se apenas obras com as quais sabemos lidar, ou a ativação cultural nos impulsiona a apresentar aos alunos obras e produções culturais que também nos inquietam? Para Solange Utuari (2005, p. 137), "apresentar imagens requer técnica e poética, condições tão importantes na formação de um professor quanto saber aspectos teóricos, história da arte, fundamentos de linguagem e procedimentos que envolvem a criação artística. Tem que se querer compartilhar emoções e saberes". (MARTINS, 2011, p.314)

Sendo assim, para compor o planejamento anual na disciplina de arte, é importante considerar vários critérios, incluindo a proximidade com a cultura local e as reflexões dos alunos sobre suas experiências culturais. Neste exercício didático e pedagógico, é necessário que às vezes, busquemos ressignificar sentidos e práticas que propomos ao grupo de estudantes, especialmente no que diz respeito à valorização de suas identidades culturais, através das quais, as alunas e os alunos, como compreende Paulo Freire (FREIRE, 1996, p.17), possam assumir-se como seres sociais e históricos, como seres pensantes, comunicantes, transformadores, criadores, realizadores de sonhos.

Devemos nos lembrar de que a aproximação com as alunas e os alunos, respeitando suas diferentes origens nos ajuda a compreender suas vivências e problematizações, além de também ser possível sistematizar percepções e construir coletivamente, processos criativos que emergem dessas experiências.

Portanto, as vivências individuais contribuem para a construção, nutrição, significado e ressignificação do mundo de cada um, e por meio da produção artística é possível manifestar suas percepções e visões de mundo, que são influenciadas pelo seu contexto cultural. Essas percepções podem ser observadas na visualidade de obras de arte em contexto geográfico, como a fauna e flora local, as relações de fronteiras e a diversidade cultural dos povos que compõem a região.

Alfredo Bosi (2001), destaca que a arte está no sentido do fazer, em um conjunto de ações, na busca por modificar a forma, transformando o que se observa e percebe pela natureza e pela cultura. Em acordo com este autor:

[...] a arte tem representado, desde a Pré-história, uma atividade fundamental do ser humano. Atividade que, ao produzir objetos e suscitar certos estados psíquicos no receptor, não esgota absolutamente o seu sentido nessas operações. Estas decorrem de um processo totalizante, que as condiciona: o que nos leva a sondar o ser da arte enquanto modo específico de os homens entrarem em relação com o universo e consigo. (BOSI, 2001, p.8)

As manifestações artísticas podem revelar muito sobre a cultura popular presente no meio em que o indivíduo vive, assim como suas percepções críticas em relação ao ambiente ao seu redor. Desde o processo de criação até a finalização da obra, a técnica e o sentimento do artista materializam suas percepções na arte, o que pode levar a conceituações, reflexões e comparações culturais tanto por grupos quanto por indivíduos, por esse recorte, faço uso da compreensão de Souza (2021b) sobre artistas populares, na qual o autor define como sendo:

[...] pessoas que por uma intencionalidade engajada materializam em suas produções as manifestações de uma cultura específica, carregada de representações de ordem figurativa, com intuito de materializar por meio da arte, modos de viver socialmente em grupos, realizando anúncios ou denúncias de aspectos de sua existência. (SOUZA, 2021b, p. 178-179).

Compreendendo deste modo, observa-se que as manifestações artísticas podem dizer muito, não só sobre a cultura popular no meio vivente do indivíduo, mas principalmente pela forma por suas percepções críticas do entorno. Do processo à finalização por sua técnica e seu sentir, materializando sua percepção na arte, que, por conseguinte, pode conduzir a conceitualizações, reflexões,

comparações culturais, tanto por um grupo ou indivíduo, dadas pelas manifestações artísticas.

Compreendemos, nesta relação, que a produção artística de um indivíduo se constitui por percepções que se relacionam diretamente com seu mundo cultural, nutrido pelo entorno vivente, no contato com a *cultura popular*, *cultura de massa* e *a cultura erudita*. Todas essas relações fazem parte dos processos que envolvem as formas pelas quais homens e mulheres buscam tornar visíveis suas produções artísticas, que estão sempre em conexão com suas vivências, o meio familiar e escolar, o acesso às mídias e às relações com o outro.

Contribuindo para que possamos refletir sobre os limites de interpretação dos fenômenos culturais, ao falar sobre Tradição e Tradicionalismo, Menegazzo (2006) destaca que:

Os processos de globalização econômica e mundialização cultural foram decisivos para o deslocamento de fronteiras, tornando sem efeito seus limites e, ao mesmo tempo, provocaram o direito às diferenças. Construíram, desse modo, zonas de tensão culturalmente criativas que não podem ser dissolvidas sob pena de se perder o movimento contraditório e necessário de sua manutenção. (MENEGAZZO, 2006, p. 17).

Em concordância com a reflexão da autora (MENEGAZZO, 2006), podemos observar que a mídia desempenha um papel significativo na seleção ou valorização de aspectos culturais em função de interesses políticos e/ou econômicos. Geralmente, esses aspectos são escolhidos para construir o imaginário de um povo ou localidade, destacando-se aqueles que viabilizem interesses turísticos, diretamente ligados ao comércio de iguarias, artesanatos, gastronomia, entre outros.

Assim, é notável que certos aspectos da cultura sul-mato-grossense sejam mais divulgados pela indústria cultural do que outros, porém, é crucial destacar que este trabalho está em sintonia com a fenomenologia, a qual reconhece que as relações entre *cultura de massa*, *cultura erudita* e *cultura popular* não se limitam à sua forma de manifestação. Ao entrar em contato com as percepções individuais e coletivas, que emergem de seus respectivos mundos culturais, é possível descobrir relações únicas que se materializam através de discursos ou gestos, abrangendo uma ampla gama de assuntos relacionados à cultura local.

É interessante analisar a manifestação das artes visuais enquanto manifestação também da percepção do entorno, da vivência, quando apresentam perspectivas diferentes ou mais profundas, das que podem surgir pela cultura. O artista plástico Humberto Espíndola (1943), conhecido por trazer em suas pinturas o boi como tema central, personificando-o em cenários políticos e culturais, materializa, em suas obras, o contraste da disseminação da imagem do boi como um símbolo de poder econômico.

Os artistas sul-mato-grossenses têm, assim, na natureza e suas manifestações, um dado importante nas configurações de identidade. Ainda que algumas vezes perceba-se um excesso da presença desses elementos, não há como negar sua importância e o ponto de vista particular que assumem, atualizando tanto a linguagem plástica como o enquadramento. (MENEGAZZO, 2013, p. 14).

Dentre os artistas Sul-Matogrossenses, Humberto Espíndola é notoriamente consagrado por suas produções, recebendo o título de Doutor *Honoris Causa* no ano de 2019, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em que a professora e crítica em arte Maria Adélia Menegazzo (UFMS, 2019) descreve uma das relações que levou ao mérito do título:

A “Bovinocultura” de Humberto Espíndola foi concebida há 50 anos. A série de pinturas que deu a conhecer a arte que se fazia no Centro-Oeste brasileiro, foi honradamente apresentada nas Bienais de São Paulo, de Cuba e de Veneza, entre outras, nos anos 1970. Humberto Espíndola não é para poucos, todos os mato-grossenses, sejam do Norte ou do Sul, acolhem sua obra como objeto pessoal. Humberto não se divide, é uno e único. Mas é plural na percepção do mundo e de sua humanidade e, por isso, permanece. (UFMS, 2019, p. 21).

No ano de 2015, o artista foi convidado a expor oito de suas obras, na programação do 12º FASP. As obras, foram produzidas entre os anos de 1978 e 1979 com a temática da divisão do estado, fazem parte das suas produções mais marcantes de seu histórico artístico.

As oito telas da exposição fazem parte da história e da cultura sul-mato-grossense. Pintadas em 1978, elas revelam elementos nacionais e regionais, como o boi, que faz parte da Bovinocultura – estilo criado por Humberto. “Cada quadro tem uma crítica e uma explicação. A exposição é bem didática, interessante e desperta bastante o interesse de estudantes universitários e professores”, comentou Humberto. (CORUMBAENSE, 2015, s/n).

Humberto Espíndola se apropria da imagem do boi e materializa aspectos das suas percepções, representando o animal como personagem e símbolo de momentos históricos do estado de Mato Grosso do Sul. Em sua construção estética, a expressão das emoções pela perspectiva humana é personificada no animal. O artista conta que

Comecei a pintar o Boi, para chamar à atenção da intelectualidade brasileira, para uma problemática do Brasil central à nossa cultura Pantaneira, aliais o boi sempre foi a força econômica, social e política de Matogrosso do Sul. O boi está presente na história da arte em todas as épocas, dês da pré-história até hoje, foi paixão de Goya de Picasso a famosa Tauromaquia. O boi está presente nas cavernas de Altamira e Lascaux, presentes nas civilizações do Egito, Creta, da Índia com a vaca sagrada. E contemporaneamente o boi, é uma força econômica, forte, poderosa, das mais poderosas que temos no mundo. A minha pintura sempre se baseou nesse tema, e eu quero ser conhecido na arte Brasileira, como aquele artista que dedicou sua vida toda a pintar o boi. Assim eu expresso a minha visão da arte e o meu conceito de cultura. (ESPÍNDOLA, 2009)

Na Fig. 4, destaca-se a paleta azul, amarela, verde e branca, cores que nos remetem à bandeira nacional. Em uma representação simbólica, a bandeira é personificada como corpo ligado a silhueta de uma face, com olho em forma de estrela, dando a impressão de uma entidade mítica, que simula um sopro. No primeiro plano da imagem, uma sequência de formas curvas pintadas de branco faz alusão à representação de um chifre de boi. Da forma isolada, no quadrante superior esquerdo da imagem, emergem estrelas e a representação de uma lua minguante, tendo acima deste conjunto um quepe militar.

Fig. 4: Humberto Espíndola (MS, 1943). O Sopro, 1978 - óleo sobre tela 130 x 170cm.



Fonte: Google imagens, 2022.

Duas linhas diagonais, que se originam da face dando forma visível ao sopro, são projetadas em gradiente sob tons quentes, sugerindo um jato de fogo que divide a representação do que podemos interpretar como um mapa (Fig. 6) e nos remete à antiga representação da extensão do estado de Mato Grosso, a divisão do estado e o “nascimento” de Mato Grosso do Sul. No plano de fundo, percebemos a forma de um semicírculo, possivelmente representando o globo terrestre e o espaço em tons frios, iluminado pela representação da atmosfera no globo, da direita para a esquerda.

Podemos observar o papel do fenômeno cultural das artes visuais neste recorte, que aproxima a indústria cultural, pela cultura de massa, passando pela percepção e análise do artista, que articula analogias sociais, políticas, históricas, emotivas, proporcionando associações entre os pontos observáveis e produzindo, por seu mundo cultural, a materialização de sua percepção, de modo que sua produção acaba por fazer parte também na representação da cultura do seu entorno, quando outros corpos perpassam com seus mundos.

Nessa mesma perspectiva, as tradições orais, os contos, a relação mística do indivíduo ou de povos na vivência com o meio ambiente, outras percepções emergem da paisagem, das relações em contraste com a fauna e flora encerradas em suas materialidades. Na obra do artista plástico Iton Silva (1944 – 2018), nascido em Ponta Porã/MS, podemos observar, ao longo de sua trajetória artística, representações do cotidiano, costumes e tradições que refletem sua percepção do mundo. O professor Gilberto Luiz Alves (2017) descreve a relação do artista com o impacto de sua obra na região.

O conjunto de suas pinturas constitui-se magnífica expressão da forma de ser, de sentir e de fazer dos homens fronteiriços e revela características culturais que, para além do próprio espaço sul-mato-grossense, são compartilhadas por outras regiões da América platina, em especial o Paraguai. Dessa forma, reconhecer Iton Silva como um relevante artista sul-mato-grossense equivale a reconhecê-lo como expressivo artista platino. (ALVES, 2017 p. 12)

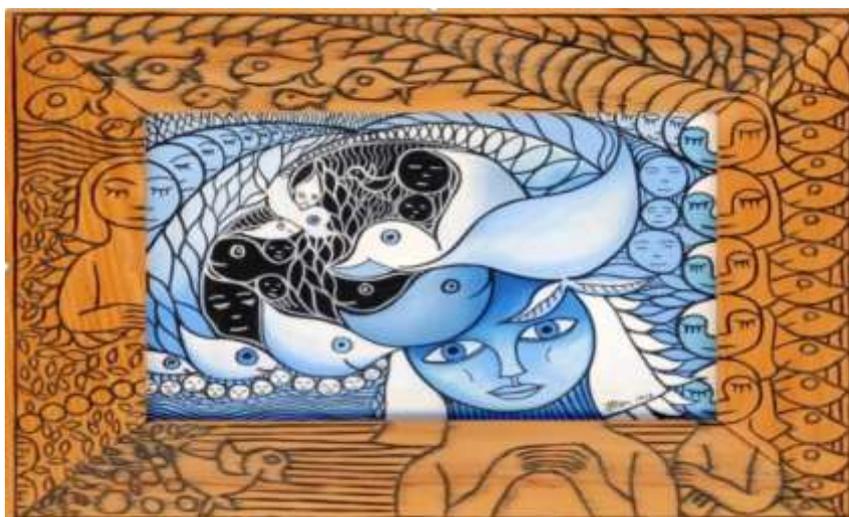
Iton Silva abordou, em grande parte das suas obras, povos da fronteira, a vivência e relações por costumes e crenças, povos originários, como os Guaranis, às margens dos grandes centros. Em sua produção visual, o místico e mítico, as florestas, trazem à tona a forma singular e lúdica de suas criações, que, por

aproximações com as crenças e tradições que lhe são familiares, reforçam a relação do artista aos contextos da vivência na fronteira.

[...] Os seus mais importantes personagens são, exatamente, os trabalhadores “garanizados” da fronteira. As rudes feições de ervateiros e peões produzidos pela miscigenação, seus bigodes finos e alongados, cabelos negros descuidados, olhos vivos, uma indumentária que inclui o chapéu de grande aba, o poncho, as roupas de cores vivas e, às vezes, o próprio revólver e o machete, a companhia do cavalo, os vistosos apetrechos de montaria, o exercício das lidas típicas do campo, as práticas cotidianas, como o churrasco ou a roda de tereré, os bailes, as festas e as bebedeiras, os barracos, as ranchadas, bem como a paisagem onde se sobressai a campina suavemente ondulada, são expressivos elementos de composição que expõem as condições de existência dos trabalhadores fronteiriços, desvelam as atividades econômicas locais e desnudam as relações sociais vigentes. (ALVES, 2017, p.12).

Na Fig. 5, obra que integra a série Cores e Mitos, de início, chama atenção a paleta monocromática em azul, com o centro em preto suavizado por linhas brancas, linhas horizontais, onduladas e retas. A distribuição linear conduz nosso olhar ao centro em uma representação simbólica de um cenário que integra, em toda a obra, incluída aqui a moldura, a visualidade de um espaço fluvial e um espaço arbóreo.

Fig. 5: Ilton Silva (MS, 1944-2018) Série Cores e Mitos, 1978. Óleo sobre tela com moldura de madeira pirografada (10 cm.) 29x39cm.



Fonte: ALVES, 2017, p.3

Podemos notar o destaque que as linhas ganham ao formar a estrutura da composição (Fig. 5), que direciona nosso olhar para possíveis narrativas, por exemplo, na conotação do convívio inerente de mulheres e homens pantaneiros

com a natureza. No primeiro plano, a obra que interliga tela e moldura traz uma imagem humana feminina com as mãos se tocando pelas pontas dos dedos, quase que em uma só massa. Segundo Alves (2017), essas imagens são versões femininas das esculturas dos bugrinhos (Fig. 6), de Conceição de Freitas, remetendo a um olhar voltado para o mítico e a uma abordagem poética da vida na floresta.

Os trabalhos de Ilton Silva, filho da artista popular Conceição de Freitas, apresentam uma visão singular da natureza de mulheres e homens, inspirada nos gestos e histórias que compõem o cenário cultural regional. Além disso, as obras revelam a percepção do artista acerca da tradição oral, representação da vida social, costumes, crenças e do cenário em torno.

O trabalho de Conceição de Freitas (1914 – 1984), como exemplo significativo da cultura popular e regional do Mato Grosso do Sul, auxilia a compreensão das aproximações e interfaces entre a cultura de massa, a cultura erudita e a cultura popular. Por meio do contato com as esculturas de Conceição, é possível que as pessoas que se relacionam com sua obra encontrem significados adicionais que reflitam suas próprias perspectivas culturais e pessoais.

A forma com que a produção de Conceição de Freitas é incorporada, desde seu mundo cultural, tem uma maneira singular de ser. A pesquisadora Isabella Banducci Amizo (2018), que se aprofundou na história de Conceição de Freitas e na repercussão de seu trabalho, descreve relações cujo ponto de partida mostra sua obra como elemento da cultura popular, citando-a já com o nome que foi associado à sua identidade por conta da relação com seu trabalho:

[...] Conceição dos Bugres não teve qualquer tipo de educação formal nem desenvolveu sua produção a partir de uma instrução erudita, e os bugres são vistos por muitos como arte popular ou primitiva. Inúmeras questões à sua obra permanecem pouco exploradas, ainda que aí se perceba uma fonte rica de informações e questões importantes a serem analisadas e discutidas sobre a arte e a identidade de Mato Grosso do Sul. (AMIZO, 2018, p.18)

Conceição de Freitas se tornou uma das escultoras mais conhecidas no estado de Mato Grosso do Sul, principalmente por seu trabalho contribuir para suspender a palavra bugre a outros níveis de relações. Nesse aspecto:

A origem do termo bugre, apesar de seu uso atual, não está atrelada aos índios brasileiros. Primeiramente, refere-se ao modo como no idioma francês eram chamados os búlgaros, e, posteriormente, relaciona-se com o conceito de heresia, sendo atribuído aos membros de um movimento religioso contrário à Igreja, na Idade Média. Um longo caminho é percorrido desde então, até que chegue aos povos indígenas do Brasil e, há menos tempo, às esculturas produzidas por Conceição Freitas da Silva, em Mato Grosso do Sul. (AMIZO, 2018, p.144).

Tendo, como tema único, a representação de uma figura humana que foi nomeada como bugrinho, as esculturas cilíndricas (Fig. 6) recebiam aplicações de pigmento preto e foram, ao longo do desenvolvimento do trabalho de Conceição, encobertas por cera de abelha. Poeticamente, o uso da matéria-prima em seu trabalho é reforçado para além do estado do Mato Grosso do Sul, como no cartaz que abria a exposição do trabalho de Conceição de Freitas, realizada pelo Museu de Arte de São Paulo (MASP) em 2021: “Tudo é do mato [...] A cera é a abelha que faz, a madeira é do mato... Tudo é da natureza do mundo.” (MASP, 2021, s/n).

Fig. 6: Conceição dos Bugres (1914 – 1984) Coleção de Bugres, s.d. Madeira, s.d.



Fonte: Site Fundação de Cultura MS, 2022.

Conceição de Freitas foi em vida entrevistada, fotografada, questionada e pesquisada por conta dos bugrinhos e, em quase todas as descrições sobre o início do seu processo, os registros trazem uma reflexão dela mesma sobre sua criação. Na escrita de Silva, a artista diz que:

[...] Um dia, me pus sentada embaixo de uma árvore. Perto de mim tinha uma cepa de mandioca. A cepa da mandioca tinha cara de gente. Pensei em fazer uma pessoa e fiz. Aí a mandioca foi secando e foi ficando parecida com uma cara de velha. Gostei muito, depois eu passei para a madeira (SILVA apud FIGUEIREDO, 1979, p.215).

É interessante analisar os caminhos que seu trabalho foi tomando no contato com o outro. Diferentemente de Humberto Espíndola, que traz na intencionalidade de suas obras reflexões da *cultura de massa e da cultura erudita*, ou de Ilton Silva, que materializa reflexões da vida de homens e mulheres residentes na fronteira em um diálogo místico com a vida às margens dos grandes centros, os trabalhos de Conceição de Freitas emergiram por relações de associações construídas, prioritariamente, por olhares externos. Nesse contexto,

[...] O próprio termo “bugre”, que o campo da arte imputou como título aos trabalhos de Conceição, pode se referir tanto ao índio quanto à mistura do índio com o branco. Entretanto, dada a origem da artista, é difícil desconsiderar o significado de “índio perseguido” pelos “bugreiros”, personagens da formação cultural sulista. [...] a antropóloga Carmem Junqueira informa que com a chegada dos imigrantes europeus, no século XIX, os colonos que se estabeleceram no Paraná e no Rio Grande do Sul formaram um tipo de milícia particular, chamada de “bugreiros”, tanto para dar segurança às suas propriedades agrícolas quanto como meio para combater e afastar os indígenas das suas terras, agora ocupadas pelos estrangeiros. [...] Assim, em um dos seus sentidos, o termo “bugre” passou a designar os índios combatidos, perseguidos e afastados do seu território. Ao se considerarem as vivências da artista em Ponta Porã e Campo Grande e na fronteira com o Paraguai, regiões marcadas pela presença do povo guarani, fica claro que a questão indígena invade de forma contundente a arte de Conceição. Nessa zona de fronteira é corrente o uso do termo “bugre”, com vários significados. (CHAIA; KID, 2017, p. 8)

Inicialmente não foi sua intenção chamar de bugrinhos os objetos escultóricos que produzia em momentos de lazer ou trazer discussões identitárias, ou relações afetivas com a palavra. Não se tem uma narrativa assertiva de quem foi a pessoa responsável em batizar suas esculturas como Bugrinhos, palavra que Conceição de Freitas aceita e de que se apropria para nomear as peças, vindo, posteriormente, a abrir espaço para discussões potencialmente identitárias (Fig. 6).

Segundo Amizo (2018), Conceição de Freitas relata que algumas pessoas, em contato com sua produção, diziam parecer um bugre, um bugrinho. Considerando esse relato, podemos interpretar que a sugestão desta classificação do trabalho de Conceição de Freitas provavelmente se constituía por ênfase no entalhe do rosto, que poderia fazer referência a alguma percepção particular de quem criava a semelhança. O diminutivo bugrinho faz alusão direta à dimensão das peças.

Essas relações possíveis, dentre outras, emergiram do mundo cultural dos que sugeriram essa denominação para as peças escultóricas, incluindo relações

de estereótipos e preconceitos, além das já mencionadas relações afetivas. Nesse sentido, os fenômenos do mundo vivido desde as relações de cultura e arte regional tecem caminhos pelo contato e a materialização das palavras que homens e mulheres vão formando para a constituição de seus mundos.

Caminhos e significados podem materializar-se pelas artes visuais, quando se observam as relações que emergiram e que emergem delas. Nessa perspectiva, na fala de Conceição dos Bugres (AMIZO, 2018), as peças escultóricas faziam companhia para ela. Em acordo com a autora, Conceição achava que os bugrinhos a admiravam e não tinham feições de braveza ou tristeza, motivo pelo qual ela gostava de presentear as pessoas com eles¹¹.

Após seu falecimento, seus trabalhos continuam tomando dimensões, novas descrições vão surgindo com relação à sua produção, a maior parte em níveis ideológicos que buscam promover apenas a pessoa que traz o assunto como tema, sem necessariamente valorizar Conceição de Freitas.

O viúvo e neto de Conceição, Abílio Antunes e Mariano Antunes Cabral da Silva, deram continuidade à produção dos bugrinhos e os ressignificam, agregando, a cada uma, sua motivação particular, sem deixar de carregar as características estruturais criadas por Conceição. Abílio, por sua vez, ao descrever sua relação com a produção das esculturas, relatava, não entender o significado de algo estimadamente belo, quase como uma devoção, quando esculpia seus bugrinhos, enquanto Mariano narra que a produção dos Bugrinhos lhe é sagrada e, por conseguinte, aproxima o sentir da presença de sua avó (AMIZO, 2018).

Narrativas vão sendo construídas e revisitadas, nos trabalhos inicialmente produzidos por Conceição, quando tomados como objetos de exercícios de observar, perceber e refletir. Narrativas que corroboram a legitimação das obras, pela singularidade na produção, pela pessoa que a produz, pelo meio em que a produção está inserida, ganhando status de Cultura Popular Regional de Mato Grosso do Sul.

O reconhecimento dos bugres como ícone da identidade sul-mato-grossense se inicia quando da divisão do estado, mas se perpetua pelas décadas seguintes. No ano de 1996, é lançada uma edição da revista MS Cultura, da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, que traz em sua capa a manchete Identidade Cultural: são os bugres de Conceição a nossa

¹¹ Amizo (2018), em vários trechos do livro, reforça um aspecto místico ao gesto de Conceição de Freitas em presentear pessoas com suas peças.

mais completa tradução? [...]Conceição e o bugres voltam a ser tema de outras revistas e publicações produzidas pela Fundação de Cultura, em diferentes épocas e com o estado sob a administração de governadores e partidos políticos diversos. O que se percebe, com o passar do tempo, é que aquela proposta do Conselho Estadual de Cultura se estabeleceu, com as esculturas sendo de fato consagradas como símbolo referencial artístico e cultural de Mato Grosso do Sul. Cabe observar que, com isso, os bugres passam a existir para além de Conceição. Não apenas Mariano se torna responsável pela produção das esculturas, mas também sua imagem passa a ser largamente difundida, e dela se apropriam o mercado, a mídia, o poder público, bem como outros artistas, que a utilizam como referência em suas produções. (AMIZO, 2018, p.58)

A projeção da imagem dos Bugrinhos, hoje difundida pelas culturas, vai além de se associar à Conceição de Freitas e gera dimensões do que se pode organizar num parâmetro da proporção que a imagem carrega no coletivo imaginário e perceptivo das pessoas. Atualmente a imagem pode ser associada tanto à Conceição de Freitas, a Abílio Antunes e a Mariano Antunes Cabral, demonstrando um ciclo contínuo familiar na produção, quanto a uma representação executiva cultural pelo Estado e pelos pequenos negócios em torno da paisagem urbana, tornando-se quase slogan comercial (Fig. 7 e Fig. 8).

Fig.7: Cartaz de divulgação da Rádio Educativa FM 104, 2015.



Fonte: AMIZO, 2018, p.184

Fig. 8: Cartaz do Conselho Municipal de Cultura de Campo Grande, S/d.



Fonte: AMIZO, 2018, p.184

Os Bugrinhos tomaram o rumo inverso dos bois por Humberto Espindola, que utiliza uma imagem criada pela indústria cultural de poder econômico, propondo olhares outros ao boi. A criação de Conceição de Freitas materializa algo cujo sentido estava orbitando no seu mundo cultural, que foi posteriormente legitimado como arte popular pela cultura acadêmica e a categorizou como artista regional por conta de suas peças. Ao mesmo tempo, a cultura de massa se apropria

pela indústria cultural e gera um novo ciclo de representações em torno de reflexões que vão surgindo em torno da visualidade das peças, que pode ou não se configurar como obras de arte.

Enquanto ponto de partida para um olhar fenomenológico, as esculturas tomam proporções em seu tempo e espaço, manifestando-se pela percepção de cada ser encarnado que perpassa por esses trabalhos artísticos e, por conseguinte, materializam suas percepções, num processo de construção e desconstrução, valorização e revalorização, segundo Merleau-Ponty (1999), que, em análise sobre a percepção, nos lembra que:

A partir do momento em que a existência se concentra e se engaja em uma conduta, ela cai sob a percepção. Como qualquer outra percepção, esta afirma mais coisas do que realmente apreende: quando digo que vejo o cinzeiro que está ali, suponho acabado um desenvolvimento da experiência que iria ao infinito, envolvo todo um porvir perceptivo. Da mesma maneira, quando digo que conheço alguém ou que o amo, para além de suas qualidades eu visio um fundo inesgotável que um dia pode fazer estilhaçar a imagem que me faço desta pessoa. É a este preço que existem para nós as coisas e os "outros", não por uma ilusão, mas por um ato violento que é a própria percepção. (MERLEAU-PONTY, 1999, p.485).

Todo o movimento que vai se formando nos caminhos da materialização de uma fala, um gesto, uma obra de arte, pelas pessoas em torno de suas vivências, é um fenômeno em si, uma vez que a busca por observar essas manifestações repousa o olhar na cultura. “[...] As culturas humanas são dinâmicas. De fato, a principal vantagem de estudá-las é por contribuírem para o entendimento dos processos de transformação por que passam as sociedades contemporâneas”. (SANTOS, 2006, p.26).

Para tanto é necessário que essas questões sejam oportunizadas no ambiente escolar, relações de aprofundamento, questionamento, construção e ressignificação das representações das percepções do entorno vivente materializadas pelas artes visuais, no qual carregam em si aspectos significativos da cultura local, aproximar o olhar discente para relações outras, nas aulas de arte. Assim como os artistas materializam suas produções em um movimento de significar ou ressignificar suas vivências no entorno, organizadas pelos seus mundos culturais, o mesmo pode ocorrer com os discentes, materializando em seus gestos, falas, produções, sejam textuais, sejam plásticas.

O fenômeno da criação artística: significados e ressignificados

Na perspectiva de uma pesquisa qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994), organizada por abordagem da Fenomenologia (MERLEAU-PONTY, 1999), e desenvolvida com aportes da modalidade do fenômeno situado (MARTINS; BICUDO, 2003), a investigação do fenômeno da criação artística deveria se realizar no ambiente escolar, no qual a vivência pedagógica com os discentes foi indispensável para a coleta de dados.

Alinhada com o Conselho de Ética e Pesquisa (CEP), ao qual o projeto foi submetido, a pesquisa envolveu, na dinâmica de campo, uma entrevista com o artista Adilson Schieffer (Fig. 9), além da coleta de dados por meio da intervenção pedagógica na escola. Como garantia da legalidade deste processo, foram desenvolvidos os Termos de Assentimento e Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), tanto para o artista entrevistado, quanto para todos os responsáveis pelos discentes e para os mesmos. No que tange a esta fase do trabalho de pesquisa Bogdan e Biklen (1994) ressaltam que:

O trabalho de campo refere-se ao estar dentro do mundo do sujeito [...] não como alguém que faz uma pequena paragem ao passar, mas como quem vem fazer uma visita; não como uma pessoa que sabe tudo, mas como alguém que quer aprender; não como uma pessoa que quer ser como o sujeito, mas como alguém que procura saber o que é ser como ele. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.113)

Fig. 9: Entrevistando o artista plástico Adilson Schieffer em seu ateliê, Campo Grande/MS, 2022.



Fonte: registro pessoal, 2022.

Nesta etapa da pesquisa de campo, o contato inicial com o artista Adilson Schieffer, se realizou por *WhatsApp* e, presencialmente, em seu ateliê, onde o

registro aconteceu por meio de uma entrevista aberta a partir da questão: *Fale sobre o seu trabalho de criação a partir da obra “Pantanal: cidadania cultural”*. O ateliê do artista está localizado em um bairro periférico da cidade, afastado da região urbana¹².

Durante a entrevista, Adilson Schieffer disse que no processo de criação de seu trabalho, buscou inserir elementos que pudessem exaltar a cultura de Corumbá em seus aspectos regionais, incluindo a relação com as fronteiras. Sua intenção era provocar sentimentos de familiaridade com as manifestações culturais do município, afinal: “Quem vê sabe que está inserido nesse processo. [...] Isso é cultura simples, né! Cultura regional, aqui da nossa região toda, região Andina, que é tudo vizinho ali de Corumbá, está inserido, Paraguai, Bolívia, Argentina” (SCHIEFFER, 2022, A.7).

Estar em seu ateliê, ver e ouvir o artista falando sobre seu processo de criação, foi uma experiência imersiva significativa, que envolveu cerca de uma hora. Adilson Schieffer explicou que gostaria que sua obra tivesse uma aproximação maior com as pessoas, motivo também pelo qual optou por realizar sua produção ao vivo, durante o Festival América do Sul do Pantanal no ano de 2008:

Quando o artista faz ao vivo, no meu caso, eu acho muito legal, a participação das pessoas né, até um, “isso aqui é assim” um morador falar, esse coreto aí tem um... não é essa luminária é outra, as vezes, é aquela mais antiga e mudou, então, tudo isso interação, artista e público, público e artista [...]. (SCHIEFFER, 2022, B.12).

Segundo Salles (1998) nas relações de sentido envolvendo uma criação artística, o gesto criador é responsável por verdades artísticas, e em sua materialização vão se atribuindo percepções. Em acordo com a autora:

O artista dá forma a um universo ao atribuir determinadas características (e não outras) para aquele objeto em construção. A verdade da obra é, assim, tecida na medida em que esses traços passam a se relacionar, formando um novo sistema ou uma forma “forma nova”. Nesse sentido é que podemos falar do gesto criador como construtor de verdades artísticas. Como a verdade surge da própria obra, lida-se com o conceito de verdade no plural: cada concretização do grande projeto do artista conterà sua verdade, que está nas entranhas da trama da construção e que se manifesta em suas leis específicas (SALLES, 1998, p.134).

¹² Adilson Schieffer mudou-se de Campo Grande em meados de 2022 e encontra-se morando no interior do estado de São Paulo.

No caso do mural do artista, compreendendo que sua temática tem relação imediata com as manifestações da cultura de Corumbá/MS, sua narrativa criativa propõe uma paisagem na perspectiva das culturas da cidade. Nem sempre haverá oportunidade para que o docente entre em contato com o artista, motivo pelo qual é relevante buscar um sentido existencial – no sentido fenomenológico – para a curadoria que a professora ou o professor organiza na seleção dos trabalhos artísticos que buscam aspectos de aproximação com o mundo vivido dos estudantes.

A aproximação constituída com obra *“Pantanal: cidadania cultural*, desde sua contemplação até o trabalho de campo envolvendo a entrevista com Adilson Schieffer, torna-se significativa nesta pesquisa, tanto como aporte para o estabelecimento de uma base regional para a inserção da arte no projeto, quanto para o desenvolvimento da intervenção pedagógica, na qual as alunas e os alunos tiveram contato de corpo encarnado com a mesma, desenvolver diálogos e reflexões, para, posteriormente criar seu próprio mural na escola.

Assim, foi elaborada uma proposta de intervenção pedagógica para auxiliar nesse processo, buscando promover experiências significativas a partir dos conteúdos previstos para as aulas de arte, e estimulando um ambiente de troca de ideias. O incentivo ao diálogo no desenvolvimento da intervenção pedagógica foi indispensável, considerando a importância da observação e registro das manifestações das alunas e dos alunos sobre suas percepções, mantendo uma aproximação estrutural com a Fenomenologia (MERLEAU-PONTY, 1999), uma vez que:

A fenomenologia, enquanto revelação do mundo, repousa sobre si mesma, ou, ainda, funda-se a si mesma. Todos os conhecimentos apóiam-se em um "solo" de postulados e, finalmente, em nossa comunicação com o mundo como primeiro estabelecimento da racionalidade. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 20).

No contexto desta abordagem, a organização da intervenção pedagógica, contemplava inicialmente dez encontros, no entanto, foi necessário realizar um encontro posterior, ao identificar a necessidade de ampliar o diálogo final com o grupo de estudantes. Assim, os 11 encontros promovidos para desenvolvimento da intervenção pedagógica, aconteceram em uma escola pública, da rede municipal situada na parte alta de Corumbá/MS no bairro Nova Corumbá. Esta área é assim

denominada por se localizar acima dos trilhos ferroviários, em uma região urbana afastada cerca de 5 km da área comercial central do município.

O Censo de alunos matriculados na instituição escolar de 2022 está por ser atualizado na plataforma do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), porém, com informações obtidas junto à secretaria da escola, há um registro de 813 alunos e alunas com matrícula efetivada no ano letivo de 2022. Em sua estrutura física a escola comporta 16 salas de aula com duas salas de Tecnologias Integradas (TI) sala de vídeo e computadores, uma cozinha, quadra coberta, sala de ciência¹³, sala de coordenação e direção, sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), sala da secretaria escolar, pátio, corredores e áreas descobertas no complexo da escola e banheiros. Existe na escola uma unidade das bibliotecas do SESI (Serviço Social da Indústria), sob a responsabilidade de dois professores e com gestão compartilhada entre o SESI e a Secretaria Municipal de Educação (SEMED).

A intervenção pedagógica foi desenvolvida com um grupo de estudantes do 8º ano do ensino fundamental, no período matutino. A escolha deste grupo específico de estudantes envolveu a intenção de encontrar elementos mais robustos na coleta de dados, e, como eu não tinha sob minha responsabilidade, a titularidade nesta faixa escolar, contei com a parceria de uma colega, que cedeu suas aulas para desenvolvimento do trabalho. O projeto envolvendo a intervenção pedagógica foi apresentado à direção e à coordenação da escola, que apoiaram sua execução, e, considerando esses aspectos, a proposta foi adaptada para o período e dia da semana em que os discentes já estavam cursando a disciplina de arte na escola, ficando estabelecidas as terceiras aulas das segundas-feiras, após o intervalo, às 9:15 da manhã.

Como as aulas tinham dinâmicas diferentes e necessidades específicas para cada encontro, com antecedência, ficou acordado os agendamentos das salas TI da escola. No meu primeiro encontro com à sala do 8º ano, me apresentei e apresentei aspectos da intervenção pedagógica, deixando claro que a proposta tinha como objetivo uma pesquisa sobre o entorno artístico e cultural de Corumbá/MS.

¹³ Atualmente, a sala é utilizada como depósito de materiais didáticos, mas às vezes é usada para aulas de arte, graças à mesa extensa de mármore com pia. Além disso, professores de Educação Física também ocupam o espaço, pois há mesas de jogos no mesmo local.

Como se tratava de uma atividade paralela às aulas, a participação da Intervenção Pedagógica foi sugerida como um convite ao grupo de estudantes. Ao todo 18 discentes, com idade entre 12 e 13 anos, optaram participar do projeto entregando no início das atividades, os Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos dos Responsáveis (TCLER) assinados por seus responsáveis. Nos excertos dos Diários de Campo onde faço menção às falas de algum discente, sua identificação surge como aluno/aluna/alunos, no intuito de preservar seus nomes.

A organização da Intervenção Pedagógica¹⁴, foi ordenada da seguinte maneira: do primeiro ao terceiro encontro, foi apresentado e discutido o tema central, relacionando a cultura local com o meio vivente e seus aspectos, no quarto encontro tivemos a visita *in loco* a obra de Adilson Schieffer, do quinto ao oitavo encontro, foram desenvolvidas práticas pedagógicas lúdicas, que movimentaram a interação dos discentes com o escopo do projeto. No nono e décimo encontro, houve uma intervenção na escola na elaboração de um mural escultórico, com técnicas em relevo inspiradas no painel de Adilson Schieffer e, no décimo primeiro encontro, aconteceu o encerramento do projeto com os discentes.

Os registros de imagens e áudios coletados ao longo da intervenção pedagógica, nutriram os Diários de Campo (BOGDAN; BIKLEN, 1994), e orientaram posteriormente a análise dos dados coletados durante a intervenção pedagógica. Metodologicamente, nos Diários de Campo, buscou-se registrar o que era perceptível visualmente e verbalizado pelo grupo de estudantes, e também as minhas reflexões, na perspectiva de que:

O gravador não capta a visão, os cheiros, as impressões e os comentários extra, ditos antes e depois da entrevista, As notas de campo podem originar em cada estudo um diário pessoal que ajuda o investigador a acompanhar o desenvolvimento do projeto, a visualizar como que o plano de investigação foi afectado pelos dados recolhidos, e a tornar-se consciente de como ele ou ela foram influenciados pelos dados. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.150).

Considerando as delimitações de tempo e as ações envolvendo a coleta de dados por meio da intervenção pedagógica, os Diários de Campo, foram fundamentais para gerar a análises dos dados. Na análise dos dados, a leitura e a

¹⁴ Todos os detalhes das etapas desta Intervenção Pedagógica se encontram descritos e organizados didaticamente na produção que acompanha este artigo final, em respeito às orientações que estruturam o Trabalho Final de Curso do Mestrado Profissional em Artes.

releitura dos registros dos Diários de Campo desvelaram Unidades de Significados, que Martins e Bicudo (2003), na busca por compreender o fenômeno situado, descrevem conter:

[...] quatro momentos que se expressam, geralmente, do seguinte modo: (1) como uma leitura da descrição, entrevista ou relato do princípio ao fim, sem buscar, ainda, qualquer interpretação do que está exposto ou sem qualquer tentativa de identificar qualquer atributo ou elemento ali contido. Essa leitura visa conseguir um fim geral de todas as afirmações; (2) como uma volta ao início da leitura, para reler o texto, tantas vezes quanto preciso, com o objetivo de discriminar “unidades de significados” dentro de uma perspectiva psicológica, focalizando o fenômeno que está sendo pesquisado; (3) como percorrendo, após ter obtido as unidades de significado e expressando o *insight* psicológico nelas contido, mais diretamente; (4) como sintetizando todas as unidades de significado transformadas em uma proposição consistente referente às experiências do sujeito. Isso é comumente denominado de estrutura da experiência e pode ser expressa em vários níveis. (MARTINS, BICUDO, 2003 p.99).

Após a identificação das Unidades de Significado, estas foram organizadas em grupos temáticos, cujo procedimento encontrou três categorias: **A) Necessita-se de um estado de sintonia, B) A cidade onde moramos, C) Arte é uma construção.** Na Tab. 1, que representa a matriz nomotética desta pesquisa, encontra-se a visão da totalidade das inserções.

TAB. 1 Matriz nomotética reunindo as Categorias e Unidade de Significados orientadas pelos Diários de Campo das intervenções pedagógicas 2022

Categorias / Diários	Diário 1	Diário 2	Diário 3	Diário 4	Diário 5	Diário 6	Diário 7	Diário 8	Diário 9	Diário 10	Diário 11
A) Necessita-se de um estado de sintonia	1,2,3,4; 5,6,7,8; 12,16,18 ,20; 23,26,27 ,37.	1,2,3,4; 14; 15,18,20 ,35.	1,2,3,5; 10,17.	1,2,3,7; 9,10,11; 12; 13,14,15 ,17; 19,20,24	1,6,9,10; 11.	1,2,3,13; 14,15.	1,2,3,4,5 ,6,7,8,9, 10, 11.	1,2,4,8,9 ,10,13,1 6.	1,2,3,4,5 ,6,7,8.	1,2,3,4,5; 6,7,8,9,10; 11,13,14,1 5, 16,17.	1,2,3,4; 20,23,24; 25.
B) A cidade onde moramos	8,10,11; 24; 25,28,29 ,31; 32,33,34 ,35; 36.	5,7,8,9,1 0; 11,13,16 , 17,19,21 ,24; 28,29,32 ,33; 34	4,16,18; 19.	4,5,8.	4,7,8.	4,7.		6,11,14, 18.			22.
C) Arte é uma construção	13,14,15 ,17; 19,23,21 ,22, 30.	6,12,22, 23; 25,26,27 ,30; 36.	7,8,9,11; 12,13, 14,15.	6,16,18; 21; 22,23.	2,3,5,12; 13,14,15	5,6,8,9,1 0, 11,12.		3,5,7,12; 15, 17.	9.	12.	5,6,7,8, 8,10,11,12 , 13,14,15,1 6, 17,18,19,2 1.

Fonte: Autor, 2022

Na distribuição dos elementos, a primeira coluna contempla as categorias temáticas. Na primeira linha da tabela, distribuem-se em 11 colunas paralelas, os Diários de Campos, numerados sequencialmente.

Os números distribuídos dentro das colunas, no espaço em que convergem Diário e Categoria, são as Unidades de Significado, ou seja, os excertos específicos de trechos da descrição que cada Diário de Campo carrega. Por se tratarem de registros individuais, cada qual tem uma numeração própria. É significativo compreender que a sequência numérica dentro de uma mesma convergência acontece devido a abordagens distintas, mas ainda dentro daquela mesma categoria.

É importante frisar que o fenômeno não se apresentou de forma isolada na fala dos discentes, considerando que na busca por compreender o fenômeno da criação artística, a participação de todos os envolvidos na pesquisa é essencial. As vivências pelas quais os dados foram coletados e organizados nos diários de campo também são importantes para entender como os processos de aprendizagem se deram de forma coletiva entre todos os envolvidos. No entanto, ressalto que a análise a seguir, dado sua qualidade e a metodologia utilizada, não se reduz às séries sequenciais de aula, voltando-se à descrição do fenômeno em sua manifestação particular, motivo pelo qual, a mesma atividade ou o conteúdo de uma aula, possa ser contemplado em mais de uma categoria.

A) Necessita-se de um estado de sintonia

Emergem nesta categoria excertos dos diários de campo, no qual encontram-se registros de aspectos que contribuíram pela busca de um ambiente de fala e manifestação dos alunos(as). O título desta categoria encontra-se no trecho:

Esclareci que o projeto se apresenta como um convite para construirmos algo juntos, mencionei que para construir algo junto, **necessita-se de um estado de sintonia**, que eram relações importantes mencionando como exemplo um time de futebol, dizendo: “Se todos estão pelo mesmo propósito, a possibilidade de resultados é possível.” (DIÁRIO 1, A.5¹⁵).

A Intervenção Pedagógica buscou fomentar o protagonismo e a liberdade de expressão, estimulando a sintonia entre todos os envolvidos nas aulas, “Relembrei

¹⁵ A apresentação da origem do dado nos excertos é grafada da seguinte forma: Diário remete ao instrumento utilizado para o registro da coleta, seguido pelo número identificando sua distribuição temporal no processo de coleta de dados. Em seguida, vem a letra que faz alusão à categoria, acompanhada no número correspondente à unidade de significado específica.

aos discentes, que aquele momento era de conversa, ou seja, para manifestar-se, não se preocupando com certo ou errado.”(DIÁRIO 1, A.12).

É necessário refletir que a aproximação com os alunos e alunas pode ocorrer não apenas por meio da aceitação de uma proposta didática em sala de aula ou de sua concordância ou discordância em relação ao que é oferecido, mas também por meio da criação de um ambiente acolhedor que estimule a expressão livre de ideias e gestos. É importante lembrar que esse processo pode incluir experiências frustrantes, mas também experiências positivas em relação ao corpo docente. Isso se deve, em parte, à forma como os alunos e alunas percebem as manifestações do corpo docente (FREIRE, 1996).

No entanto, a sintonia, que pode emergir durante a fruição da aula, pelas manifestações faladas, produções artísticas ou gestos, a partir do que é ofertado ao corpo discente, nem sempre ocorre como se objetiva. Nesse contexto, no início do quinto encontro, ao perguntar aos discentes, sobre a visitação *in loco*, à praça CEU, que ocorreu na aula 4, “[...] Alguns acenaram com a cabeça dizendo que haviam gostado. Poucos se manifestaram de início.” (DIÁRIO 5, A.1), o que nos alerta que é preciso ultrapassar o limite da fala dos discentes, buscando sinais positivos ou assertivos em sua atenção silenciosa, permanência ou ausência em sala de aula.

Fig. 10: Registro Aula 2 – Intervenção Pedagógica 2022.



Fonte: Acervo próprio, 2022.

A Fig. 10 mostra um recorte da sala de vídeo, local onde ocorreram a maioria dos encontros. Nesta aula, não estavam todos os discentes, uma vez que lhes foi esclarecido que não seria um problema faltar em alguns dos encontros. Ressalta-se também, em situação especificada no TCLR, que todos tinham a liberdade para deixar de participar da Intervenção em qualquer etapa, caso assim quisessem.

Apesar de eventuais ausências de alguns estudantes, no que tange à continuidade do grupo na Intervenção, não houve desistência. Pela análise desse contexto, estimo que muito se deve ao destaque contínuo de que a presença deles não era de espectadores: “Expliquei que a opinião deles(as) era muito importante, pois nossas vivências nas aulas estavam sendo construídas e que a opinião deles contava muito [...] (DIÁRIO 8, A.4).

Caminhos podem ir se apresentando nas relações de escuta, pela atenção e por manifestações, e ao ser proposto ao grupo, que elaborassem criações artísticas para o mural, inspirados na cultura local, “Alguns alunos chamavam minha atenção por volta e meia para ver como estava a produção, alguns riam, pois, achavam que o desenho estava simples, para incentivar eu ressaltava a importância de ser algo feito por eles, com olhar deles sobre o tema, que faria parte da escola o trabalho deles.” (DIÁRIO 9, A.7).

Fig. 11: Registro da atividade: percebendo as partes, Quebra-cabeça pedagógico. Aula 6 – Intervenção pedagógica, 2022.



Fonte: Autor, 2022.

A interação e socialização se fortalecia também entre os discentes. Em um dos encontros, foi proposta uma atividade lúdica em grupo, na qual os discentes tinham que montar quebra-cabeças (Fig. 11) que eu havia produzido representando imagens de algumas obras escultóricas distribuídas nos espaços urbanos do município. Os estudantes “[...] começaram a trocar as peças entre os grupos e rapidamente montando as imagens. Diziam palavras como: ‘Nossa!’, ‘Olha é essa aqui!’, ‘Calma, pera aí’. Perguntei: ‘Reconheceram a imagem?’ Alguns disseram: ‘Sim.’” (DIÁRIO 6, A.3).

Após a conclusão da atividade, “Lembrei que eles haviam dado o nome da imagem do quebra-cabeça de *Viola*.” (DIÁRIO 6, A.13), provocados quando eu, “Disse que uma pessoa que se deparasse pela primeira vez com o monumento, poderia se perguntar: ‘Por que uma pessoa colocaria uma imagem de um *Violão* aqui no porto? Qual o sentido?’ Em continuidade mencionei que quando nos aproximamos a estudar sobre a obra, sentidos vão surgindo [...]” (DIÁRIO 6, A.15).

Em outra atividade, o grupo discente, também se organizou em grupos para elaborar uma proposta de escultura, com temática inspirada na cultura local. A proposta da atividade partia da modelagem argila¹⁶, posteriormente aplicada em um pano de fundo, impresso ou desenhado, representando o espaço urbano em que gostariam que a escultura fosse instalada, nesta atividade um dos grupos de estudantes (DIÁRIO 8, A.13) encontrou dificuldades em organizar a escultura na mesa devido a partes quebradas. Foi sugerido que utilizassem cola para reforçar e apresentassem como estava. Os alunos também elaboraram a estrutura para apresentar o plano de fundo e buscavam soluções ou alternativas para realizar seus processos de criação:

[...] vendo o plano de fundo que haviam escolhido perguntei: “Por que no porto?” A aluna disse que era porque combinava com a escultura e representava a proposta deles. Pedi para que explicassem sobre a composição da escultura, no qual a aluna apontando para parte que parecia uma lâmina de argila disse que era o rio e que o objeto em cima era um sapo. Perguntei qual tamanho teria a escultura? Disseram: “Três metros.” Perguntei como eles apresentariam a escultura para as pessoas, a aluna disse: “Falaria que representa as pessoas que vivem da pesca [...]”. (DIÁRIO 8, A.16).

Compreende-se que para o estado de sintonia acontecer, precisamos estimular um ambiente de troca, confiando ao grupo de discentes processos que possam protagonizar, como observado na elaboração do mural na escola. Havia a necessidade de uma curadoria envolvendo a criação individual do grupo discente, para organizarmos uma composição coletiva, então, foi proposto que “[...] os discentes tomassem ocupação das atividades na ordem que eles quisessem para aplicação das artes, mas ao mesmo, busquei incentivar e chamar os que por hora e outra pareciam não estar interagindo.”. (DIÁRIO 10, A.10),

¹⁶ Na aula 7, os alunos tiveram uma experiência com argila conduzida pelo artista plástico Jamil Canavarros, que ensinou técnicas básicas de manuseio e modelagem.

Nesse aspecto podemos compreender, em concomitância com as reflexões de Paulo Freire (1996), que o papel fundamental do professor sobre o conteúdo, é ser claro quanto ao objeto de ensino, e incitar sua compreensão pelo grupo discente, superando a mera aceitação de qualquer proposta ou atividade. Por tanto, é significativo, buscar por relações de sintonia, para que os discentes se sintam seguros a fim de explorar suas manifestações, em exercícios atentos e contínuos de análise para a organização e desenvolvimento das propostas didáticas, lidando com suas frustrações e valorizando sentimentos de assertividade ao longo das vivências pedagógicas.

B) A cidade onde moramos

Essa categoria se organiza pelas unidades de significados que se voltaram pelas percepções do entorno. O título desta categoria emergiu do trecho, “Em continuidade comecei a falar sobre **a cidade onde moramos**, indagando, como percebemos as obras nos espaços urbanos?” (DIÁRIO 1, B.8), e os excertos aqui reunidos voltam-se para as considerações que os discentes trazem sobre o entorno ou sobre o que está no entorno, e que se identificam de modo significativo para os processos de ensino e aprendizagem.

Uma das atividades envolveu a assistência e diálogo sobre o curta-metragem institucional Corumbá Incrível¹⁷ (EUREKA, 2015) produzido por Marco Calábria e Bruno Nishino, no qual um viajante explora o município participando de eventos do calendário festivo, estendendo-se à visita de espaços turísticos, apreciação da culinária e se socializando com munícipes.

Após a assistência do vídeo, e estimulado quando uma das alunas disse: “[...] Muitos que moram em Corumbá, não conhece esses lugares.” (DIÁRIO 1, B.28), perguntei aos demais se o curta-metragem representava a cidade onde moram, e outra aluna disse, “[...] Não, só apareceu as partes bonitas da cidade.”(DIÁRIO 1, B.33). Na continuidade deste diálogo:

Uma aluna me chamou atenção perguntando algo que ela havia reparado no vídeo, disse: “Professor, a cor do rio não é azul né?” se referindo ao rio Paraguai, alguns outros discentes riram da pergunta, em seguida perguntei “Qual era a cor do rio?” Alguns disseram: “Marrom!” E

¹⁷ O curta-metragem é uma produção organizada pela Prefeitura Municipal de Corumbá/MS e amplamente divulgado pelo setor turístico institucional.

perguntei: “Por que marrom?” Disseram: “Porque tem terra!” (DIÁRIO 1, B.32).

As relações estabelecidas durante a exibição de um vídeo podem estar relacionadas às experiências pessoais e culturais do indivíduo (MERLEAU-PONTY, 1999), na perspectiva de que isso pode gerar questionamentos e reflexões quando confrontados com outras realidades. De acordo e em concordância com Celeste e Picosque (2012), muitas vezes é necessário que o educador provoque problematizações para que os alunos possam expressar suas opiniões.

Durante a atividade envolvendo a construção de um mural de palavras (Tab. 2), foi utilizado o questionário-semiestruturado, que o grupo de discente respondeu no primeiro encontro da Intervenção Pedagógica. As respostas dos questionários foram organizadas em frases significativas e digitalizadas, impressas e recortadas em tiras.

TAB. 2 Registro aula 2 – Mural de Palavras coletivas Intervenção Pedagógica 2022

ARTE e CULTURA	CORUMBÁ	ESCULTURAS NOS ESPAÇOS URBANOS
Gastronomia	Avenida	Iria fazer aqueles desenhos que tem naqueles prédios gigantes no centro
Cidade colorida cheia de desenhos	Cristo	Escultura mulher segurando um bebê e algo parecido com um trigo
Pantanal	Muita Cultura	
Festa de pesca, banho de São João	Bioma Belissimo	
Maiores carnaval do centro oeste	Eu acho bonito	
	Em Corumbá tem lugar que nem sabia que existia	
	Museu	
	Cidade Única	

Fonte: Acervo pessoal, 2022

Essas tiras foram espalhadas sobre a mesa para que os alunos pudessem construir coletivamente um mural, organizado por títulos correspondentes aos questionários. Cada aluno escolheu uma frase e a fixou sob um dos três títulos do mural. Quando finalizaram a montagem do mural, observei a presença da palavra Pantanal e:

[...] perguntei: “Como o Pantanal se encaixa no título Arte e Cultura?” Uma aluna disse: “Que é uma arte natural do Pantanal” perguntei: “Quando pensamos em Pantanal, o que vem em nossa mente?” Uma aluna disse: “Os animais!” Outros complementaram dizendo: “As plantas, o rio, a Ponte.” (DIÁRIO 2, B.9).

Observa-se, que após apresentarem relações justificando a organização da palavra Pantanal naquele tema, emerge na fala dos discentes a valorização cultural da fauna e da flora, surgindo ao final deste diálogo a palavra Ponte¹⁸ (DIÁRIO 2, B.5).

A Ponte, não é um elemento natural, mas está integrada à natureza, e embora o discente não tenha especificado qual ponte se referia, é importante ressaltar que em experiências pedagógicas anteriores com desenhos sobre o Rio Paraguai, os alunos frequentemente representavam a ponte de captação de água do rio em suas produções. Situada na área portuária, antes conhecida por ser uma das maiores áreas de importação e exportação de mercadoria, agora tombada pelo IPHAN, o Porto Geral, se tornou um dos pontos turísticos mais visitados da cidade. É nesse espaço que se localiza a Ponte, que para além da sua função primordial na distribuição de água ao município, destaca-se pelo tamanho de sua composição estrutural e localização.

Fig. 12: Recorte do mural escultórico em relevo, com temática, cultura de Corumbá/MS, coletiva, Aula 9 e 10 – Intervenção Pedagógica 2022.



Fonte: Autor, 2022.

Utilizada com bastante frequência pelo turismo, a representação da visualidade da Ponte se encontra materializada em produções artísticas diversas

¹⁸ Há em Corumbá três estruturas dessa construção arquitetônica: a Ponte ferroviária, atualmente desativada e tombada pelo IPHAN, a Ponte do Rio Paraguai situada na Br 262 e a Ponte de captação de água do rio Paraguai.

de artistas locais, como a da pintura “Artes Cacharas” feita pelo artista plástico Edson Castro (GURGEL, 2018). O elemento da visualidade da ponte, também surgiu na composição do mural instalado na escola (Fig.12).

Ainda no contexto do diálogo envolvendo o mural de frases, aproveitando a menção a esculturas feita por uma das alunas, perguntei se estas representavam o Pantanal, cuja assunção foi da maioria, exceto por um dos alunos que disse: “Elas têm mais a ver com o tema Brasil do que com o Pantanal.” (DIÁRIO 2, B.10). sendo acompanhado a partir daí, outros de seus colegas (DIÁRIO 2, B. 11).

Em contrapartida, ao apresentar a capa de um cordel¹⁹, feito por Izulina Xavier, que mostrava em sua composição uma silhueta representando uma de suas esculturas, “[...] Rapidamente uma aluna afirmou: “É lá no Aeroporto”. (DIÁRIO 2, B.31), seguida por outra aluna que atribuiu uma forma concreta à imagem: “Lembra um Obelisco.” (DIÁRIO 2, B.32).

Neste ponto, é possível perceber a importância de proporcionar um espaço de fala sobre o meio ambiente na instituição escolar, como observado pelos discentes, por meio de propostas pedagógicas que consideram a diversidade de informações que os alunos possuem, reflexões em conjunto entre docentes e discentes podem ser realizadas. É essencial aproximar-se das falas dos alunos para que o conhecimento não seja unilateral, ignorando suas vivências e experiências, sendo que: "Preciso, agora, saber ou abrir-me à realidade desses alunos com quem partilho a minha atividade pedagógica. Preciso tornar-me, se não absolutamente íntimo de sua forma de estar sendo, no mínimo, menos estranho e distante dela." (FREIRE, 1996, p.49).

Contemplando a sequência didática da Intervenção Pedagógica, e dando início ao trabalho de campo no qual eu levaria o grupo de estudantes à praça Heloísa Urt – CEU, para a visitação *In loco* à obra de Adilson Schiffer:

Perguntei ao grupo quem frequentava à praça. Cinco alunos, levantando as mãos, disseram que frequentavam, perguntei o que gostam de fazer na praça? Alguns responderam: “Jogar bola”, “Tomar Tereré.”, “Encontrar com os amigos.”, “Praticar Esportes.” Perguntei, “E quem não frequenta por que não frequenta? Alguns responderam: “Moro longe.”, “Não saio de casa.”, “Tenho preguiça.”, “Não gosto”, “É longe e minha mãe não deixa”. (DIÁRIO 3, B.16).

¹⁹ O cordel produzido por Izulina Xavier intitulado Adeus, de 1986, narra os processos que se deram na produção da obra, que é de autoria da artista plástica e pesquisadora Marina Gattass, que teve uma importante atuação no campo da arte contemporânea brasileira.

Nesta aula, conversamos sobre a praça, procurando estimular o grupo a descrever coletivamente, a maior quantidade possível das características do espaço. Enquanto conversávamos, apresentei um conjunto de *Slides* com imagens ilustrar nossas reflexões. No último *Slide*, deixei a imagem da obra de Schieffer aberta (ver Fig. 3), sem apresentá-la, e perguntei aos discentes:

Tem uma obra escultórica naquele local? Algo que lembre uma escultura?" Uma aluna disse: "Acho que não." Um outro aluno apontando para o *slide*, disse: "A própria imagem." Outra aluna perguntou: "Na onde que fica essa imagem?" Outra disse: "Na verdade eu sei que eu vi, mas nunca reparei." (DIÁRIO 3, B.18).

Na continuidade desta conversa, e após esclarecer que se tratava de uma peça escultórica, pedi ao grupo discente que descrevesse o que viam na imagem:

[...] os discentes começaram a falar: "É muita informação.", "Muita coisa misturada.", "Um homem e uma mulher, escrito pantanal, festival américa do sul?" "Tem várias gentes dançando" Perguntei: "Gente dançando, lembra alguma coisa?" Uma aluna disse: "Festa Junina" uma outra aluna disse: "Tuiuiú." (DIÁRIO 3, B.19)

Estimulados por esse contato inicial com o espaço urbano e com a obra de Adilson Schieffer, realizamos a visitação *in loco*, e fomos recebidos por uma professora que trabalha mediando as ações culturais que ocorrem no local. Ao saber sobre nossa pesquisa, que naquele momento, além de contemplar a obra, carregava a proposta de fazer registros em desenho do trabalho artístico, a professora, nos guiou por toda praça, também apresentando o mural do artista. Posteriormente, em outra aula, direcionei novamente perguntas sobre a obra escultórica:

E a obra do Adilson Schieffer? O que vocês acharam dela?" Um aluno disse: "Eu achei que tinha as coisas de Corumbá." Perguntei: "O que você diria que você reconheceu de Corumbá lá?" O aluno disse: "O Cristo, o Tuiuiú." Outra aluna disse: "O Coreto." [...] "A Capoeira.", "O Sirirí.", "O Boi." "Tem mais alguma coisa que lembram da obra?" um aluno disse: "Viola-de-Cocho." Outra aluna disse: "Jarros de Cerâmica." Outro complementou: "Ele fez o porto." (DIÁRIO 5, B.4)

As associações e percepções que foram surgindo, ao longo das aulas propostas na intervenção pedagógica, desvelaram um olhar mais atento do grupo de discentes para o seu entorno e suas falas trouxeram contribuições significativas

ao escopo desta pesquisa, inclusive no âmbito da provocação, quando uma aluna diz que: “**Na verdade eu sei que eu vi, mas nunca reparei.**” (DIÁRIO 3, B.18), reforçando as possibilidades educativas, ao voltamos para o diálogo sobre a experiência dos espaços de nosso mundo cultural.

C) Arte é uma construção

Destacam-se nesta categoria extratos das unidades de significados que remetem a reflexões, diálogos e manifestações do grupo de discentes no contexto dos processos de criação durante a Intervenção Pedagógica. O título da categoria surgiu do trecho, “[...] **arte é uma construção**, não é o que o artista quis pintar que é a arte, é o que vocês estão vendo, vocês falam sobre aquilo, e isso constrói o valor que é da obra.” (DIÁRIO 1, C.17).

Nesse sentido é significativo observarmos que os processos envolvendo a reflexão, como compreende Maurice Merleau-Ponty (1999) se manifestam “[...] como uma verdadeira criação, como uma mudança de estrutura da consciência, e cabe-lhe reconhecer, para alguém de suas próprias operações, o mundo que é dado ao sujeito, porque o sujeito é dado a si mesmo.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.5). Nesta categoria, estão reunidas as manifestações discentes que corroboram com a reflexão merleau-pontyana, caracterizando-se como fruto da mudança na estrutura da consciência, por meio do ato e processo de reflexão.

Na análise conjunta realizada com as alunas e os alunos do mural de palavras (ver Tab. 2), algumas reflexões se voltaram especialmente para o movimento que organiza ou frui da consciência no que tange ao processo criativo. Ao observar que alguns estudantes estavam se restringindo a dizer que sua escolha envolvia predicados associados ao gosto, senti a necessidade de promover um diálogo cujos excertos se encontram em duas unidades:

Perguntei: “Se uma pessoa somente diz que gosta de Corumbá, nessa resposta existe aprofundamento?” Disseram que não, aí completei dizendo: “Às vezes, nós não paramos para refletir sobre nossas respostas, o que seria esse gostar, e esse aprofundamento pode levar a uma análise reflexiva sobre o gosto ou vivência, sobre aspectos que compõem sua identidade cultural, sobre si mesmo. (C.22).

[...]

[...] dizia que Corumbá tinha muita cultura, perguntei se concordavam? Disseram que sim, relacionei dizendo, “Então, sendo sim, Corumbá, não

tem uma cultura, senão várias culturas, formando uma cidade cultural.” (DIÁRIO 2, C.23).

No contexto dessa aproximação cultural com a cidade de Corumbá/MS, ao aprofundar aspectos da visualidade e percepção do entorno, a obra de arte tem a potência para a construção de significados pelas pessoas em contato com ela, muitas vezes, ultrapassando a intenção do artista. Essa experiência realizou-se de forma bastante significativa na visita realizada à obra de Adilson Schieffer (Fig.13).

Fig. 13: Registro da visitação à obra de Adilson Schieffer, Aula 4 – Intervenção pedagógica, 2022.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Naquela experiência, a sensibilidade do olhar permitiu a emergência de percepções sobre o espaço urbano vivo. Por meio dessa perspectiva, a proposta de aproximação com a obra de arte se torna ainda mais significativa, pois permite uma compreensão mais profunda das interações entre a arte e o ambiente em que ela está inserida, pois a aproximação:

[...] se torna "um acontecimento" capaz de deslocar o visitante da experiência cotidiana para outro espaço, do qual ele sairá com outro olhar sobre o mesmo cotidiano. Para isso, é vital que o juízo, as opiniões, o "gosto/não gosto" saiam da conversa, da ação mediadora."(CELESTE; PICOSQUE, 2012, p.55).

Dessa forma, a experiência de aproximação com a obra de arte se torna uma ferramenta poderosa para a reflexão sobre as relações humanas com o ambiente em que vivem. Além disso, permite que os indivíduos desenvolvam um olhar mais

sensível e crítico sobre o mundo que os cerca, contribuindo para a formação de uma sociedade mais consciente e engajada.

Fig. 14: Registros da atividade de desenho junto à obra de Adilson Schieffer. Aula 4 – Intervenção Pedagógica, 2022.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

A atividade envolvendo a criação de desenhos sobre o mural (Fig. 14), solicitava também que as alunas e os alunos anotassem observações no verso da folha, indicando o motivo da seleção realizada. Essa atividade propôs um contato físico com o objeto de estudo, indo além das formas anteriores de vivência, como falas, imagens e textos discutidos em encontros anteriores.

A observação atenta do espaço urbano vivo pode revelar aspectos que passariam despercebidos em um olhar menos sensível. A arte, por sua vez, pode ser um meio de expressão dessas percepções, bem como de crítica social e de transformação do ambiente. A aproximação com a obra de arte, nesse sentido, possibilita uma compreensão mais ampla das relações entre o espaço urbano e seus habitantes.

Para proporcionar aprendizagens mais significativas, é preciso criar experiências provocativas, conforme defendido por Larrosa Bondía (2002). Nessa perspectiva, é importante considerar momentos de pausa, reflexão e observação nas experiências com as práticas de ensino de arte, destacando que:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes,

suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.(BONDÍA 2002, p.19)

Nos encontros posteriores à visita da obra, fomos construindo relações entre o conteúdo e as vivências dos alunos e das alunas. Na atividade em que apresentei a fala de Adilson Schieffer coletada durante a entrevista com o artista, “[...] expliquei que essa relação de observar a manifestação cultural de um povo, fauna e flora de uma localidade, foi o ponto de partida do Adilson Schieffer no estudo para produção do painel, cujo a temática se estrutura pela cultura que ele busca representar manifestada em Corumbá [...]”. (DIÁRIO 5, C.13).

Após um diálogo sobre esse conteúdo, perguntei se o grupo acreditava que o trabalho artístico é limitado ao que o artista projeta, e uma aluna respondeu: “É aquilo que a gente entende.”(DIÁRIO 5, C.14). Valendo-me deste comentário, destaquei a relevância de nos aproximarmos das produções artísticas que se encontram em nossas cidades, pois elas também nos pertencem:

[...] Expliquei que quando nós buscamos entender o que está ao nosso redor, estamos de certa forma nos aproximando do objeto de estudo e que podemos também desenvolver o sentido de pertencimento sobre aquilo, sentir-se pertencente do lugar, pois em nossa fala vai se expressando conhecimento, reflexões e vivências daquilo que nos aproximamos (DIÁRIO 6, C.10).

Na atividade que contemplou a criação dos projetos de escultura para o espaço urbano, as alunas e os alunos apresentaram suas criações em argila e formaram grupos para construir apresentações com o tema cultura. Durante a atividade, os alunos mencionaram suas expectativas em relação à maneira como as pessoas iriam se aproximar e interagir com suas esculturas (DIÁRIO 8, C. 11), o que demonstrou uma mudança de papel, passando de observadores para protagonistas na instalação de obras nos espaços urbanos.

No trabalho apresentado por um dos grupos de discentes, o tema da depredação foi abordado através da representação de uma cobra dentro de um vaso. A composição incluía a imagem antiga de uma das praças da parte alta da

cidade como plano de fundo, retratando a praça como ela havia sido inaugurada. Os discentes explicaram que atualmente a praça está modificada pelo tempo e pelas ações de pessoas que a depredaram. Observando a proposta perguntei:

[...] “Qual o sentimento que vocês gostariam de propor aos que tivessem contato com a escultura?” ficaram um tempo pensativos e um aluno disse: “Consciência.” Outra aluna complementou: “Respeito.” Novamente disseram que a cobra representa as pessoas que destruíram a praça. Sobre a estrutura, relataram ser uma cobra no vaso, disseram que o vaso era o local onde a cobra ficava guardada. Perguntei se eles gostariam de instalar a escultura na praça como estava na foto ou como ela está hoje? Disseram: “Como ela está hoje, porque simboliza quem destruiu ela” (DIÁRIO 8, C.12).

O tema escolhido pelo grupo de estudantes e a seleção daquela praça, traz na composição da proposta, a cobra como representação simbólica das pessoas que depredaram o local. Destaco que aquele espaço urbano específico, representa um papel significativo para o grupo que o escolheu, pois aquela praça não havia sido abordada anteriormente nas aulas. A narrativa dos discentes demonstra a preocupação em analisar a relação das pessoas com o espaço urbano e como isso se manifesta em suas criações, pois:

[...] Quando focalizamos tarefas específicas, estamos oferecendo a oportunidade de os estudantes perceberem a riqueza da experiência vista por seus protagonistas com focos diversos, ampliando também a possibilidade de leitura do mundo pela contribuição das áreas que são envolvidas pelos fazeres singulares de cada equipe. (CELESTE, PICOSQUE, 2012, p.52).

Nesse sentido, a criação artística estimulada por discussões e reflexões, se materializam por caminhos distintos, cujos processos podem desvelar percepções e representações críticas sobre o entorno. Considerando a relação estruturada pelos estudantes, ao final desta atividade propus outro diálogo ao grupo:

[...] “Vocês acham importante o papel da escola ao se aproximar das esculturas?” Uma aluna disse: “A escola tem que incentivar.” Perguntei: “Por que é importante a escola incentivar? [...] falar sobre essas obras?” Outra aluna disse: “Há... porque apresenta a cultura.” Continuei: “A esculturas que nós estamos vendo no projeto, vocês acham que elas representam a cultura local?” Alguns alunos disseram que sim, e uns 2 alunos disseram que não. Mencionei que o papel da escola é também, aproximar e propor reflexões sobre o entorno [...]. (DIÁRIO 8, 2022, C.17).

Considerando essas reflexões, destaco que registros significativos emergiram nos dois encontros envolvendo o trabalho final da Intervenção Pedagógica: a criação de um mural com técnica inspirada na obra escultórica de Adilson Scheiffer (Fig. 15). Para esta atividade, o grupo de discentes produziu no espaço escolar, um mural composto por elementos que compreendiam representar a cultura de Corumbá/MS.

Fig. 15: Registro da produção do mural, Aula 9/10 – Intervenção pedagógica, 2022.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

O processo desta atividade foi realizado em várias etapas, desde a produção individual de desenhos, posteriormente transportados para pedaços de tecido cobertos com massa. Com a secagem da massa, o tecido ficou rígido e os recortes individuais foram organizados em sequência pelas alunas e alunos para criar um mural escultórico em relevo, que foi fixado no muro interno da escola. As imagens produzidas pelo grupo de estudantes para a composição do mural representam:

[...] Guampa de Tereré, Sopa Paraguaia, alguns da ponte da captação do porto e do rio Paraguai, Cristo Rei do Pantanal, Cruz, marco territorial do porto, uma ave, Andor de São João e um Pescador, em quase todas as composições apareceram palavras ou nome dos discentes [...] (DIÁRIO 9, 2022, C.9).

Os relevos foram organizados de forma horizontal e fixados lado a lado, resultando em uma composição com aproximadamente 6 metros de largura e 30 centímetros de altura. Para emoldurar a obra, foram utilizadas chapas de madeira fixadas na parede e pintadas na cor que remetesse ao cimento (Fig. 16).

Fig. 16: Retoques finais no mural escultórico em relevo, temática: cultura de Corumbá/MS, Aula 9 e 10 – Intervenção Pedagógica 2022.



Fonte: Acervo do autor, 2022

Durante a intervenção pedagógica, foi possível observar a emergência de construções significativas a partir das percepções individuais dos alunos e alunas sobre o entorno, que foram socializadas ao longo dos encontros. Através dessas reflexões, foi possível organizar e direcionar os processos criativos de forma mais consciente e significativa, levando em consideração as experiências e vivências dos discentes.

Dessa forma, a intervenção pedagógica não apenas possibilitou a criação de obras artísticas, mas também contribuiu para o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre o meio e a cultura local, considerando que “[...] ‘cada um vê o mundo a partir do banquinho em que está sentado’. Mas perceber o modo como o outro olhar depende da disponibilidade para ouvir o outro e compreender a sua singularidade [...]” (CELESTE, PICOSQUE, 2012, p. 53).

A arte é um estado em construção contínua, e materializamos nossas criações pela socialização das percepções, compondo cada olhar, como disse uma das alunas, voltado para “[...] aquilo que a gente entende.” (DIÁRIO 5, 2022, C.14). Os registros das falas das alunas e dos alunos que surgiram durante o processo, e os apontamentos envolvendo minha atuação na mediação das atividades, contribuíram para o desvelamento de reflexões que ajudaram a compreender as experiências dos alunos e alunas, no reconhecimento da cultura local e na valorização da criação artística presente nos espaços urbanos de Corumbá/MS.

Considerações

Durante esta pesquisa, considera-se que as percepções que emergem a partir das vivências no entorno enriquecem o mundo cultural das pessoas, expressando-se por meio de gestos, falas, discussões e, por fim, materializando-se como criações artísticas. Nesse sentido, analisa-se que essas materializações são significativas no campo das artes visuais, uma vez que a expressão artística, seja em duas ou três dimensões, pode propor reflexões sobre o meio, muitas vezes orientadas pela diversidade de eventos que atravessam os seres humanos.

Quando trabalhos artísticos são desenvolvidos no ambiente escolar e considerados relevantes, eles têm o potencial de promover reflexões sobre a cultura entre alunos e professores. Nessa perspectiva, é possível analisar como a criação artística é mediada pelo olhar do observador e suas vivências, construindo saberes nutridos por perspectivas propostas pela visualidade das obras de arte.

Na representação política de Humberto Espindola sobre a imagem do boi, ou nas imagens de Ilton Silva, que poetizam a cultura popular fronteiriça, e nos bugrinhos desenvolvidos por Conceição Freitas, encontramos elementos significativos da arte regional sul-mato-grossense. Em conformidade com o pensamento freiriano (1996), e amparado pelos resultados encontrados no desenvolvimento desta investigação, reforço que a escola deve ter uma compreensão das relações que ocorrem no meio em que se encontra situada, e voltar-se para o seu entorno.

Nessa perspectiva, as manifestações culturais populares de Corumbá/MS, muitas das quais já legitimadas pelo calendário festivo municipal, como o Banho de São João e o Festival América do Sul do Pantanal podem contribuir para o estímulo ou como impulso para o desenvolvimento de conteúdos. No que se refere ao ensino de arte, esses aportes podem ser ainda mais simples de se utilizar, uma vez que o município conta com obras escultóricas e pictóricas distribuídas pelos espaços urbanos, com temáticas que retratam a cultura local, seja pela religiosidade ou pelas festividades populares, constituindo assim uma das camadas da regionalidade.

No caso desta investigação, o estímulo que o mural *Pantanal Cidadania Cultural* de Adilson Schiffer, representando festividades e outros aspectos da cultura local de Corumbá/MS, contribuiu tanto para alinhar a organização do

conteúdo das atividades que compuseram a Intervenção Pedagógica, como também para inspirar a aproximação dos estudantes com uma outra técnica de criação artística, pois “A construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de “tomar distância” do objeto, de observá-lo, de delimitá-lo, de cindi-lo, de "cercar”. (FREIRE, 1996, p.31).

A intenção foi coletar dados para investigar o fenômeno da criação no espaço escolar a partir da perspectiva da cultura local, articulada pelos onze encontros realizados durante a Intervenção Pedagógica, permitiu observar a manifestação da criação através das falas, silêncios, atenção e materialização artística, como desenhos, projetos de esculturas em argila e produção textual individualmente ou de modo coletivo pelas alunas e pelos alunos.

Os discentes trouxeram para as narrativas elementos que compuseram a construção de seu próprio mural, organizados por suas perspectivas e representando símbolos da cultura local, como a guampa de tereré, a sopa paraguaia, elementos da fauna e flora, o espaço geográfico e a festividade do São João, representada por um Andor. Ao final, foi possível perceber como a cultura local influencia na manifestação da criação e como os elementos dessa cultura são importantes para a construção da identidade local.

No desenvolvimento da Intervenção Pedagógica, as produções artísticas visuais dos discentes se conectaram com a cultura local durante os encontros pedagógicos, destacando a relevância das percepções individuais de cada estudante. Foi necessário ter uma escuta atenta e dar tempo para que os alunos pudessem apresentar suas ideias.

A fala de uma aluna (DIÁRIO 3, B.18), que reconheceu ter visto o mural escultórico de Schieffer mas nunca reparado nele, é significativa para que consideremos a importância do exercício reflexivo e do olhar mais atento aos detalhes do entorno para o desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem. Esse movimento reflexivo pode ser generoso na apropriação dos saberes e fazeres, na redescoberta do que antes estava ali, e que talvez nunca tenha despertado a curiosidade dos discentes.

Essa apropriação pode conseqüentemente, fazer parte da construção da identidade cultural dos indivíduos que se colocam a refletir sobre seu entorno pois, “Nosso contato conosco sempre se faz por meio de uma cultura, pelo menos por

meio de uma linguagem que recebemos de fora e que nos orienta para o conhecimento de nós mesmos.” (MERLEAU-PONTY, 2004, p.49).

Ao final dos encontros, em um momento de troca de ideias sobre a proposta, uma aluna disse ser, “[...] “Uma experiência diferente, que talvez na aula de arte não teria feito isso.” (DIÁRIO 3, 2022, C.17). Isso me deu a impressão que talvez falar sobre o entorno, as obras artísticas que estão dispostas, fosse algo distante do que se faz na escola, reforçando mais uma vez a relevância das propostas pedagógicas voltadas no que está além dos muros da escola, mas situado no meio vivido.

Há necessidade da mobilização em torno de discutir obras que estão distribuídas nos espaços urbanos, pensar propostas que possam mobilizar e materizar discussões em torno das obras artísticas sejam escultóricas sejam pictóricas, nas quais povoam os ambientes do meio vividos do povo que vive em Corumbá e que muitas das vezes, essas obras não tem identificação, não há indícios de ano de produção, artista ou nome da obra, ao passar pelas obras mencionadas nesta pesquisa, foi percebido que apenas o Cristo Rei do Pantanal, produzido pela artista Izulina Xavier, tem placa com identificação. Há também a falta de ações do poder público e mobilização social, em ações de salvaguarda e identificação das tantas obras distribuídas nos espaços urbanos de Corumbá, pois discutir sobre essas obras, deter o conhecimento sobre e refletir nas tantas materializações da cultura local através da arte, poderiam ser um caminho para aproximações mais significativas nas percepções do meio vivente. Ações que também possam dar suporte as memórias culturas local (RODRIGUES, 2019).

A falta de informação presente nas proximidades das obras em acesso irrestrito, dificulta aprofundamentos no que está presente no meio vivente no qual poderia ser uma das motivações da falta de discussões mais concretas e contínuas sobre a produção artística local em conjunto com a produção da cultura local desenvolvida em Corumbá/MS.

Pois ambiente escolar é também um espaço de fala para os anseios, para as críticas, para a aproximação das culturas manifestadas em seus múltiplos aspectos, pois todos que convivem no ambiente escolar, estão inseridos nos espaços urbanos, onde há múltiplas manifestações culturais, sejam elas materializadas pelo popular ou por instituições. Tanto no campo de formação em que me reencontrei como estudante, quanto no de atuação, onde desenvolvi minha

prática compreendo que os momentos de escuta e de trocas, proporcionaram aproximações ultrapassando o limite dos conteúdos e materializando-se pelas manifestações dos corpos participantes de cada experiência, configurando momentos de ensino e aprendizagem pela troca mútua, como pontua Merleau-Ponty (2004, p. 48): "[...] nossa reflexão é sempre um retorno a nós mesmos que, aliás, deve muito à nossa frequentação do outro."

Portanto encerro minha pesquisa com um sentimento de etapa finalizada, mas não concluída, pois a mesma se abre para novas percepções, o que me alegra, no sentido em que o inacabamento inspira para novos processos de ressignificação da vida, pois, como diz Paulo Freire, "A alegria não chega apenas no encontro do achado mas faz parte do processo da busca." (FREIRE, 1996, p.51).

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- ALVES, Gilberto Luiz. A Celebração do Trabalho nas Artes Plásticas¹. Tese de Doutorado. Universidade Anhanguera-Uniderp.
- AMIZO, Isabella Banducci. Poética dos bugres: uma incursão sobre arte, identidade e o outro. Rio de Janeiro: Outras letras, 2018.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: _____. Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BOSI, Alfredo. Reflexões sobre a arte. São Paulo -SP: Editora Ática, 2001.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 01 fev. 2023
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 01 fev. 2023.
- CHAIA, M.; KID, V. Conceição dos Bugres, O índio na estética mínima de Conceição. São Paulo: Galeria Estação, 2017.
- CORUMBAENSE, Diário. Vídeo turístico de Corumbá ganha prêmio em festival internacional. Diário Corumbaense. Disponível em: <https://www.diarionline.com.br/?s=noticia&id=80179>. Acesso em: 31 jan. 2022.
- ESPÍNDOLA, Humberto. Momento Cultural. [S. l.: s. n.], 1 vídeo (07min75s). Publicado pelo Youtube, canal HerZiggyStardust. 16. Fev. 2009. <https://www.youtube.com/watch?v=WdUCiVcoMao>. Acesso em: 25 de maio. 2022.
- EUREKA, Estúdios. Corumbá – Incrível! – Filme Promocional Turístico [Vídeo]. [S.l.: s.n.], 2021. 1 vídeo (03min 41s). Publicado pelo Youtube, canal corumbá incrível. 28 Abr. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Cs6EwbBQhCk>. Acesso em: 08 jun. 2022.
- FIGUEIREDO, Aline. Artes Plásticas no Centro-Oeste. Cuiabá: Edições UFMT, 1979.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Coleção Leitura. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GURGEL, Anahi. Arte da ponte sobre rio Paraguai faz 19 anos “lutando” por uma restauração. Campo Grande News, 2018. Disponível em:

<https://www.campograndenews.com.br/lado-b/artes-23-08-2011-08/arte-da-ponte-sobre-rio-paraguai-faz-19-anos-lutando-por-uma-restauracao>. Acesso em: 17 jan. 2023.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Modo de Fazer a Viola de Cocho*. Brasília: Iphan, 2009.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. *A pesquisa qualitativa em Psicologia. Fundamentos e recursos básicos*. 4°. ed. São Paulo: Editora Centauro, 2003.

MARTINS, M. C. *Arte, Só na aula de arte? Arte, cultura, educação: mutações*. V.34 n.3. Porto Alegre: Educação. 2011. p.311-316.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, Gisa. *Mediação Cultural para professores andarilhos na cultura. Sala de aula: experiências para além das visitas/expedições*. In: São Paulo: Intermeios, 2012. p. 47-59.

MASP, BUGRES, 1979 s/n apud MASP, 2021, s/n.

MENEGAZZO, Maria Adélia. *A Construção de uma história*. In: FUNDAÇÃO DA CULTURA DE MS. *Cultura e Arte em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande, MS. 2006.

MENEGAZZO, Maria Adélia. *Vozes das Artes Plásticas em Mato Grosso do Sul*. In: PELLEGRINI, Fabio; REINO, Daniel (Orgs). *Vozes das Artes Plásticas*. Campo Grande: FCMS, 2013.

MERLEAU-PONTY, M. *A arte e o mundo percebido*. In: _____. *Conversas – 1948*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 2. ed. Tradução de Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MÜLLER, Aline Maria. *Arte Kadiwéu: processos de produção, significação e resignificação*. Dissertação (Mestrado em Estudos Artísticos) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2017.

OLIVEIRA, Érica S.; KUKIEL, Éder D. G.; SILVEIRA, Claudia V. *A paisagem pantaneira como a cultura do turismo: O caso da cidade de Corumbá-MS*. In: XVII Congresso Nacional, América Latina: Resgatar a democracia. Repensar a integração. FoMercó. Foz do Iguaçu, 2019. p. 05.

RODRIGUES, Wanessa, Pereira. *O patrimônio cultural de Corumbá-MS e a ausência de relação com a população local: estratégias que podem contribuir para a reversão de tal quadro*. 2018. 59 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico) —Universidade de Brasília, Corumbá-MS, 2018.

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: Fapesp/Annablume, 1998.

SANTOS, José Luiz. *O que é cultura*. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos).

SILVA, Armando. Atmosferas urbanas: grafite, arte pública, nichos estéticos. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014.

SOUZA, Paulo C. A. A poética regional: metáforas de uma estética popular. In: SOUZA, Paulo C. A. de; MALDONADO, Rafael D.; LUCAS, Constança M. L. A. (Org.) Contextos da pesquisa no campo das artes visuais em Mato Grosso do Sul. Campo Grande: UFMS, 2021b, p. 169-208.

SOUZA, Paulo C. A. Por quem somos e seremos: fenomenologia, saberes populares, arte e docência. In: SOUZA, P. C. A.; ABREU, S. R.; FERNANDES, V. L. P. (Orgs.). Percursos na formação em arte: abordagens e reflexões epistemológicas. Campo Grande: Ed.UFMS, 2021a, p. 1-33.

SOUZA, Paulo C. A.; BEZERRA, D. T. Representação e simbolismo: artes visuais na fronteira. Brasil/Bolívia. MOTRICIDADES: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana, v. 4, 2020. p. 288.

SOUZA, Paulo C. A.; SOUZA, Vitor H. A, SANTOS, Anderson. Das culturas e suas práticas sociais: uma aproximação fenomenológica de eventos populares em MS. MOTRICIDADES: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana, v. 6, n. 3, p. 183-196, 2022.

SOUZA, Vitor Hugo A.; SOUZA, Paulo C. A. Marcas da regionalidade: reflexões sobre uma intervenção pedagógica em Corumbá/MS. In: Anais do XXX Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil: "Poéticas para transcender e enfrentar o amanhã". Pelotas/RS: UFPel, 2021, p. 1225-1236.

TARGAS, Zulmaria Izabel de Melo Souza. As casas de comerciais importadoras/exportadoras de Corumbá (1904-1915). UFGD, Dourados, 2012.

TUAN, Yi-fu. Traços comuns em percepção: os sentidos. In: _____. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 2012.

XAVIER, Izulina. Adeus, literatura de cordel. N. 4, Edição Caravela: Núcleo Cultural Português de Corumbá / ICP, Corumbá, 1986.